

DESVIO PARA O VERMELHO

Homenagem a Gildo Meireles



Adriana Montenegro, Alé Silva, Alexandre Lambert,
Alexandre Palma, Ana Durães, Ana Cristina Teixeira, Ana Luitza Mello, Ana Mattos,
Ana Pose, Ana Schieck, Antonio Bokel, Anderson Tibau, Andres Papa, Anita Fiszon, Andréa Acker,
Anna Braga, Aleteia Daneluz, Antonio Roberto Barreto, Augusto Herkenhoff, Aurélio Alpoim, Bel Guimarães,
Bel Magalhães, Benjamin Rothstein, Bernardo Simbalista, Bernardo Sá Earp, Bia Rocha, Bosco Renaud, Cácia Chemin,
Carol Beiriz, Carolina Kaastrup, Carlos Cesari, Cecília Ribas, Cecília Rondon, Célia Pattacini, Celso Adolfo, César Coelho Gomes,
Chica Granchi, Clara Cavendish, Claudia Carneiro, Claudia Lara, Cláudia Lyrio, Claudia Watkins, Claudio Copello, Cleone Augusto, Cora Figueiredo,
Cota Azevedo, Custódio Coimbra, Daniel Dobbin, Debora Carneiro da Cunha, Deise Paiva, Denise Campinho, Denise Calasans, Denize Torbes, Dirce Fett,
Dony Gonçalves, Dora Portugal, Dulce Lysyj, Eclia Huste, Eda Miranda, Edineusa Bezerril, Eleonora Dobbin, Elis Inácio, Elis Pinto, Estevam Ribeiro,
Fabiano Fernandes, Fernanda Godoy, Fernando Brum, Fernando Rosetti, Fionn Locke, Flávio Ardito, Gardenia Lago, Gerhild Schiller, Gloria Conforto, Gloria Seddon,
Gilda Lima, Gilda Santiago, Giselle Vieira, Graça Pizá, Helena D'Ávila, Helena Pontes, Helena Wassersten, Helenice Bueno, Helenice Dornelles, Heloisa Madragoa,
Hilza Sales, Ilcio Arvellos, Isabela Marinho, Isis Braga, Isis Quaresma, Itefania Rubino, Igor Gomes, Iza Valente, Jabim Nunes, Jarbas Paulous, JaquesZé, Jaques Faing,
Jo Cavallin, Joel Gama, Jorge Cerqueira, João Saboia, Jorge Barata, Karla Gravina, Lando Faria, Laura Bonfá Burnier, Lea Soibelman, Leila Bokel, Leila Pugnaloni, Leo Stuckert,
Lena Tejo, Lenn Cavalcanti, Lia do Rio, Ligia Calheiros, Liza Tancredi, Lourdes Duarte, Lu Guedes, Luciane Villanova, Lucio Volpini, Ludmila Mueller Leal, Luis Christello,
Lutz Nogueira, Luzia Velloso, Maia Bueloni, Márcia Estellita Lins, Márcia Rommes, Marcia Cavalcanti, Marcio Atherino, Maria Cecília Leão, Maria Cherman, Maria Eugênia
Baptista, Maria Goretti, Maria Lucia Maluf, Maria Perdigão, Manliã Jaci, Marilou WVinograd, Marlene Reinaldo, MarQo Rocha, Marta Bonimond, Marta Strambi, Martha
Barros, Martha Niklaus, Mauricio Theo, Mauricius Farina, Mauro Kleiman, Mayra Rodrigues, Melissa Corrêa, Milla Sammarro, Moema Branquinho, Monica Barki,
Morgana Souto Maior, Norma Mleko Okamura, Noemi Ribeiro, Olívio Neto, Paula Erber, Paulo Innocencio, Paulo Marendino, Paulo Pittol, Patricia Borges,
Patricia Assumpção, Patricia Secco, Petrillo, Pina Bastos, Priscila Rocha, Ragnar Lagerblad, Raquel Camacho, Raul Cassou, Ricardo Ferreira, Ricardo Mauricio,
Ricardo Newton, Ricardo Ruiz, Regina Moura, Regina Hornung, Renata Vasconcellos, Roberta Paiva, Robinson Oliveira, Rosane Cantanhede,
Rosângela Soares Pinto, Rose Aguiar, Rosi Baetas, Salazar Figueiredo, Sandra Macedo, Sandra Regina, Sandra Passos, Sara Malenchini, Simone
Coppolecchio, Sonia Camacho, Sonia Xavier, Talita Tunalá, Tatiana Seabra, Teresa Coelho, Teresa Stengel, Teresinha Mazzzi, Telma Gadelha,
Thelma Innecco, Tchello, D'Barros, Ulara Bartira, Vândir Gouveia, Valesca Veiga, Vânia Beatriz, Vânia Pena, C. Vasco Acioli, Vera Hermano,
Veronica Miranda, Vlad da Hora, Vicente Duque Estrada, Vitoria Szejnman, Yolanda Freyre, Walkyria Proença,

ZAGUT

Abertura

15 de Abril às 19h
2020

Exposição

até 02 de Maio
2020

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Texto técnico: Renata Wilner

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos dos artistas: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Projeto da Exposição virtual - Universidade Santa Úrsula – Arquitetura e Urbanismo

Coordenação, Organização do projeto expográfico: Moema Branquinho

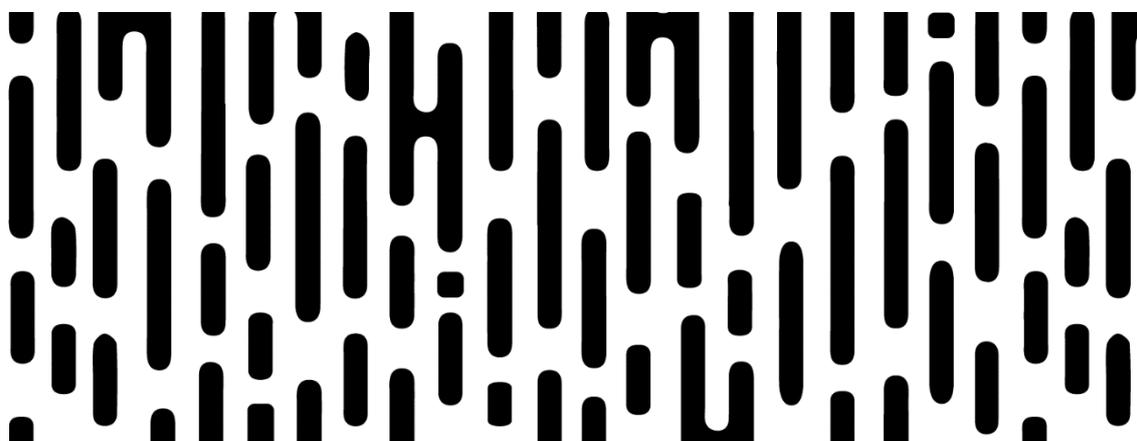
Equipe de alunos: Joana Berrondo, Gabriela Muniz e Gêneses Evaristo

Coordenação Técnica/ Designer: João Machado

Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo: João Calafate

Arquitetura de montagem (futura): Leonor Azevedo, Isabela Simões, Moema Branquinho,
Joana Berrondo, Gabriela Muniz e Gêneses Evaristo.

Montagem (futura): Cassio Alvarez



Um vernissage virtual

O que estava previsto era uma exposição física na galeria; um vernissage contando com a presença dos artistas que fazem parte desta mostra, outros que habitualmente nos prestigiam e nossos convidados (tantos amigos, colecionadores e críticos comuns ao grupo); o que provavelmente levaria centenas de pessoas a comparecer à galeria e confraternizar em torno desse tema que é a obra do Cildo e que traz à tona sentimentos diversos, mas muito importantes e caros.

Entretanto, uma epidemia invadiu o mundo e nossas vidas, e os planos tiveram que mudar. Alguns poucos artistas não conseguiram completar suas obras, não conseguiram mais frequentar seus ateliês, outros não conseguiram queimar peças. Mas não foi o que ocorreu com a maioria dos artistas. A maioria se aliou à ideia da Zagut em manter a exposição mesmo que inicialmente de forma virtual, como uma forma de resistência possível que se contrapõe ao vazio do simples adiamento.

O trabalho foi mais árduo. Mas as mãos foram dadas de forma virtual muito fortemente. As sugestões da galeria foram dadas, e complementadas pelo grupo de artistas, cada um contribuindo e aumentando as possibilidades. Se delineou um novo caminho: iríamos fazer um vernissage virtual, com um catálogo no site, com possibilidade de impressão, disponibilizar as obras nas redes sociais, fazer pequenos vídeos que se juntariam e seriam colocados no canal do youtube. E cada um se comprometeu com o que fora traçado, mesmo quem jamais fizera um vídeo antes... não faltou suporte dos mais experientes do grupo. E veio a possibilidade da galeria virtual através de proposta de uma das artistas, com a parceria com o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, e mais gente se juntou ao projeto.

E, assim como está acontecendo com o mundo, foi uma oportunidade ímpar de crescimento e de juntar as pessoas em torno de um projeto comum. Saímos dessa com a certeza de ter ido muito mais longe. E assim que superarmos as dificuldades que a pandemia nos está colocando, estaremos juntos para o vernissage físico, apreciando de perto essas obras incríveis que se construíram ao redor da temática da obra do mestre Cildo Meireles.

DESVIO PARA O VERMELHO – HOMENAGEM A CILDO MEIRELES

Para a Zagut é uma grande celebração e um grande desafio promover este encontro em torno desse gigante da arte brasileira e que, ao mesmo tempo, é esse personagem tão sensível e terno. Não há como deixar de agradecer o que faz pela arte, mas também pelo nosso microcosmo, seu apoio ao longo da breve história da Zagut e da trajetória artística do Augusto. Pela sua impressionante capacidade de ser sempre tão aberto ao novo, a dar suporte a artistas, a ideias e a espaços que democratizem a arte, em especial na nossa realidade.

O currículo extenso de prêmios nacionais e internacionais, presença em importantíssimas coleções em vários países, grandes retrospectivas como a atual em São Paulo e também alhures (entre as três melhores do ano de 1999 em Nova Iorque, segundo a crítica especializada), pavilhões em importantes museus, inúmeras capas de revistas, tudo isso ajuda a evidenciar o reconhecimento de como suas obras conseguem contar histórias de extrema importância e tocar almas, um reflexo de sua capacidade empática admirável.

Muitos já tentaram desvendar um pouco do Cildo, traduzir em palavras o que nos provoca com suas obras, como nos representa. Longe de tentar aprofundar tal exegese, este texto apenas tenta recolher alguns pontos levantados por estudiosos dessa obra, e até mesmo através de entrevistas do próprio Cildo.

Muitas obras desse artista marcam as pessoas. Desvio para o vermelho foi escolhida para esta homenagem por alguns motivos. Por popularidade, já que desde sua criação em 1967, montada em 1984 no MAM, foi recriada diversas vezes, propiciando algumas possibilidades de contato com o público. No MAC-SP em 1986, na Bienal de 1998, no Pavilhão de Inhotim desde 2006 em uma segunda versão permanente, em 2016 com as crianças no Parque Lage (Impregnação), no exterior, sendo talvez uma de suas obras mais conhecidas. Tem, ainda, uma conotação política, tão importante na obra de arte nos tempos atuais, que permite gerar ampla reflexão.

Se o fato de ter presenciado a manifestação estudantil na qual se escreveu com o sangue do jornalista assassinado “Aqui morreu um jovem defendendo a liberdade de imprensa” foi ou não um motim inconsciente para a elaboração do projeto, eis algo que fica no ar. O artista não tem certeza, mas o curador Paulo Herkenhoff, sabendo do caso, ligou o fato. A ideia de dualidade é trabalhada por esse crítico ao colocar o acúmulo e o essencial, assim como as semelhanças (tudo é vermelho) e diferenças (todos diferentes), único e múltiplo. Mas, referindo-se à obra de Cildo como um todo, propõe haver “falência da lógica” (moedas que valem zero, metros que não medem). Chama-o de um teórico poético da sociedade. O que o próprio Cildo refere ser “falsas lógicas”: garrafa com uma poça desproporcional, simbolizando o horizonte perfeito, e uma pia inclinada cujo jato ignora a lei da gravidade, se contrapondo a essa ideia anterior da perfeição...desvio dos desvios...uma de suas “inutilidades imprescindíveis”.

Já Frederico Morais, em seus textos, comenta que, com essa obsessão pela monocromia, a cor que impregna os objetos acaba por anulá-los, ao deixar de

ser apenas o fundo. E que, apesar de Cildo afirmar que trata de questões poéticas, há importante leitura política e que descortina o contexto da realidade do país.

Esta homenagem não pretende responder à pergunta de Lisette Lagnado nos idos de 1998: “À ideia de coleção subjazeria uma gramatologia?”. Mas há certamente um sentido possível em uma coleção de obras de mais de 200 artistas interessados no que Cildo (que chama a Impregnação de “Coleção das Coleções”) vem apregoando em sua trajetória.

Essa mostra não teve uma seleção “formal”. O foco do espaço é de interdisciplinaridade entre áreas de conhecimento e de gerações; os artistas com duas a três décadas de trilha nos caminhos da arte, que são os que orbitam no universo curatorial da ZAGUT, foram convidando outros com mais ou menos décadas, que tinham estórias interessantes para contar. E dessa forma o grupo se formou. E parafraseando Cildo: “O trabalho não é político, torna-se político”; esta mostra não nasceu política, mas conscientemente torna-se política, na medida em que traz à tona um movimento de defesa da liberdade através da arte no nosso meio, por intermédio de um espaço democrático, um espaço onde se acolhe com prazer o diálogo entre gerações, entre pessoas diferentes, em que se aprende, no qual se tocam um pouco as almas.

Texto: Isabela Simões

Referências Bibliográficas:

HERKENHOFF, P. Um gueto labiríntico: a obra de Cildo Meireles. In: HERKENHOFF, P.; MOSQUERA, G.; CAMERON, D. (orgs.). Cildo Meireles. São Paulo e Londres: Cosac Naify e Phaidon Press, 1999, pp. 36-81.

LAGNADO, L. Cildo Meireles: desvio para a interpretação. In: XXIV BIENAL DE SÃO PAULO. Núcleo Histórico: Antropofagia e Histórias de Canibalismo. Vol.1 (catálogo de exposição). São Paulo: Fundação Bienal, 1998, pp. 398-405.

MORAIS, F. A Sagração do Vermelho ou o Desvio para o Negro. O Globo, Rio de Janeiro, 8 out. 1984,p.6.Disponível em:

<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Desvio+para+o+Negro&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&noSelecionado=1984&mesSelecionado=10&diaSelecionado=8>. Acesso em: 02/03/2020.

Entrevista de Cildo Meireles a Marina Fraga e Pedro Urano, ago 2013. Disponível em:

<http://revistacarbono.com/artigos/04carbono-entrevista-cildo-meireles/>. Acesso em: 02/03/2020.



Homenageado: Cildo Meireles

Fotografia de Augusto Herkenhoff

DESVIO NA CURVA DO TEMPO OU RITUAL DE RETOMADA

Fui convidada pela querida amiga artista Moema Branquinho a contribuir com este belo projeto em homenagem a Cildo Meireles, idealizado por Augusto Herkenhoff, cuja proposta reúne 215 artistas criando em diálogo com a obra *Desvio para o Vermelho*. Quanta potência, nuances e alcance desse raio de luz e energia desviado! Quero iniciar saudando todos os participantes.

No ano de 2000, defendi minha dissertação de mestrado intitulada “Desmedidas: a densa terra volátil de Cildo Meireles”, no programa de pós-graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ, sob orientação da saudosa professora Rosza W. vel Zoladz. Nesse trabalho, me interessava investigar as relações entre corpo, espaço e objetos nas instalações a partir do estudo antropológico dos rituais. Decidi focalizar o trabalho de Cildo Meireles para tal estudo porque era um artista já naquele momento com uma trajetória consolidada na experimentação de instalações, por explorar o campo sensorial ampliado para além da visualidade, jogando político-conceitualmente com essas relações, questionando a tradição artística ocidental, e por ser de família de indigenistas bastante combativos.

Durante a pesquisa, houve oportunidade de realizar pesquisa de campo na montagem da obra *Desvio para o Vermelho* na 24ª Bienal de São Paulo, em 1998, sob curadoria de Paulo Herkenhoff. O acompanhamento se deu tanto na montagem como depois, quando consegui reunir 22 entrevistas com pessoas do público visitante. Eu chamava para conversar no sofá vermelho, quando a(s) pessoa(s) estava(m) saindo, no movimento da volta dos outros ambientes e gravava a entrevista. Neste pequeno texto, revisito e compilo livremente alguns trechos da dissertação.

Desvio para o Vermelho teve seu projeto concebido em 1967 e só foi montado pela primeira vez no MAM-RJ em 1984. Depois da montagem onde se deu a pesquisa, na 24ª Bienal (1998), foi instalada em caráter definitivo em Inhotim, em 2006. A cada montagem, houve liberdade de pequenas alterações. No entanto, a identidade da obra foi mantida, com seus três ambientes seguindo a mesma planta baixa e os objetos, embora variassem de forma, ainda eram todos em variações de vermelho e remetiam ao universo das camadas médias da sociedade. Estas possibilidades de manutenção e alterações nas instalações e suas relações espaço-temporais também encontra rebatimento nos estudos acerca dos rituais, oferecendo conceitos para pensar manifestações artísticas contemporâneas como instalações e performances. Não se trata de caracterizar instalações artísticas contemporâneas como pseudo-rituais, mas como obras processuais com uma relação corpo-espaço-objeto vivencial. Resguardadas as diferenças contextuais e de propósitos culturais, as similitudes morfológicas e de dinâmica simbólica com os rituais em culturas não-ocidentais podem ajudar a pensar a grande volta que a arte ocidental teve que dar para recuperar a potência aiesthética/simbólica que se manteve (ou se reinventou) em outras tradições. A própria obra de Cildo Meireles carrega este tensionamento, desafiando o esquecimento do corpo pelo olhar perspectivado, racionalizado e distanciado no qual está fundada a estética do Ocidente. Utilizar de tais pressupostos teóricos ajuda, portanto, a perceber determinadas qualidades nas obras contemporâneas.

Como modelo de análise, utilizei a concepção de “campo de significação” que o antropólogo Victor Turner utiliza para dar conta dos fenômenos rituais, em suas pesquisas de campo entre o povo Ndembo, da Tanzânia. O autor concebe o ritual como uma linguagem onde a sociedade expressa sua filosofia cultural, definindo sua estrutura como um campo de significação (campo de forças simbólicas) muito

complexo semiologicamente. Não há um modelo único para estruturar as relações simbólicas, elas variam de acordo com o contexto, com as combinações posicionais no campo de forças. As unidades rituais (objetos, ações, sons, estados físicos ou psíquicos, odores, configurações espaciais e outros) são multivocais, “falando” de várias maneiras ao mesmo tempo, através de uma multiplicidade de significantes; multivalentes, tendo vários sentidos ou valores; e polissêmicas, sendo abertas a vários significados. Esses significados podem ser condensados ou articulados pela dinâmica da ação simbólica ao longo do processo.

O trabalho de Cildo Meireles, por sua vez, desdobra-se em múltiplos movimentos conceituais, mas todos eles amarrados na mesma teia, que dá coerência e gera a riqueza de interpretação a partir dessa dinâmica de significação múltipla. Os significados derivados da sua interpretação podem ser relacionados de forma a gerarem por sua vez novos significados, em um movimento expansivo da “teia”. Algo como a desproporção de conteúdo em relação à forma que lhe dá vazão, expressa na enorme quantidade de líquido vermelho “derramado” da pequena garrafinha no ambiente “Entorno”, em *Desvio para o Vermelho*.

Os deslocamentos conceituais, possíveis através de um mesmo conjunto de elementos da obra, mostram que ela é capaz de mobilizar dispositivos simbólicos que no sistema cultural ocidental são colocados em campos separados de saberes: a Física, a Matemática, a Filosofia, a Sociologia, a História, a Economia, a Psicologia e, claro, a própria Arte.

Cildo levanta as questões dos parâmetros das definições, de espaço e tempo, das leis racionais que governam a visão de mundo por meio de padrões arbitrários, e ambivalentemente, as questões dos parâmetros que definem a arte, em parte a partir da herança de Duchamp. Tal influência, confirmada por Cildo, é um bom exemplo de como, em sua arte, os títulos são elementos que fazem parte da obra, e não apenas um apêndice dela. São elementos plásticos verbais, que têm por modelo os jogos de linguagem duchampianos. “Desvio para o vermelho” tem seu título derivado de um fenômeno físico, o “red shift”, no qual há um desvio dos raios do espectro de frequência mais baixa. A obra foi concebida em 1967, no auge da repressão do período ditatorial militar e só foi montada pela primeira vez em 1984, no MAM-RJ, ano que marcou o final desse período. O artista relata que seu pai o levou para um protesto contra o assassinato de um jornalista em Goiânia, no qual picharam frases com o sangue dele. Aqui já se combinam ou deslocam dois significados: fenômeno físico óptico e político, podendo tanto aludir à repressão, violência do Estado, como a cor da “subversão” socialista, um desvio político revolucionário.

O repertório conceitual de Cildo Meireles é extraído em grande parte do discurso científico, principalmente da Física e da Matemática, disciplinas prediletas do artista no período escolar. Seu processo artístico é capaz de extrair poesia de conceitos científicos como

os de densidade, de valores numéricos, de neutralização, de operações algébricas, de lugares geométricos, de propriedades, de energia e circulação, de concentração de energia e explosão,

de entropia, de buracos negros, de topologia, de fenômenos físicos como o *red shift*. A apropriação da conceitualização científica pela artística opera uma crítica à própria ciência como fundamento cosmológico da sociedade moderna ocidental. Usando os métodos científicos de modo irônico, como espécies de “antidemonstrações”, Cildo

Meireles desmonta a fé na razão científica com base em categorias apriorísticas de sujeito e objeto, que corresponde ao sistema de crenças da razão burguesa - uma razão instrumentalizada para fins ideológicos, comprometida com determinado processo histórico específico de dominação. E o faz manipulando as contradições do próprio racionalismo científico, que havia norteado os projetos de modernidade do Iluminismo à estética modernista.

Formuladas como espécies de “antiteoremas”, as obras de Cildo Meireles têm por objetivo a negatividade crítica. Utiliza irônica e poeticamente procedimentos científicos, como a formulação de hipóteses, de enunciados, as categorias classificatórias, e a verificação empírica por experimentos metódicos. O artista subverte a ordem das coisas, ou seja, vai em direção oposta à da ciência, porque termina por “desordenar” as cristalizações de concepções de mundo. A linguagem científica metaforizada converte-se em linguagem poética, evidenciando o paradoxo naquilo que é tido como preciso e coerente. O artista explora as possibilidades semânticas contidas na própria natureza paradoxal da ciência enquanto mitologia. Desvenda a dimensão simbólica da linguagem científica, e lhe acrescenta novos sentidos. Podemos observar tais processos em vários trabalhos do artista, como *Casos de Sacos* e *Eureka/Blindhotland*, que operam com o conceito de densidade e sua multiplicidade simbólica; *Fontes*, que lida com a arbitrariedade das medições reguladoras de tempo e espaço; e *Espaços Virtuais: Cantos*, que desafia a geometria euclidiana e as leis da perspectiva. O problema do atrito e seu corolário sociológico aparecem em *O Sermão da Montanha: Fiat Lux* (1973/79) e em *Tres Sonidos* (1977), obras em que o artista utiliza lixas. E há também uma série de objetos cujos títulos são paródias de enunciados científicos: *A Menor Distância entre Dois Pontos é uma Curva* (1976), *Para Ser Curvada com os Olhos* (1970), *A Diferença entre o Círculo e a Bola é o Peso* (1976), *Conhecer Pode Ser Destruir* (1976), *Estojo de Geometria (Neutralização por Oposição ou adição)* (1977-79). Ao parodiar a linguagem científica, seus jargões e procedimentos, o artista não chega a resultados conclusivos, no sentido científico. Seu objetivo consiste justamente em desmontar a lógica de causalidade, tornar presente a dúvida que faz desandar os princípios reguladores das leis que mantêm coesa e fechada a Ordem. Descarta, assim, as certezas falsas, optando pelas incertezas verdadeiras.

Desvio para o Vermelho se inscreve também nesse rol, pois parte de conceito científico para tensioná-lo e expandi-lo poeticamente. No primeiro ambiente, “Impregnação”, há uma sala doméstica com os confortos dos móveis e eletrodomésticos de um padrão de consumo de classe média, que não passavam de uma ilusão, naqueles anos de milagre econômico. O sangue jorrava ao lado e o próximo torturado poderia ser alguém da família. Os entrevistados na pesquisa de campo desconheciam esse dado contextual e o significado político passava despercebido. O que percebiam era a força emocional da cor, algum sentido de violência associado ao sangue ou à agressividade da saturação do vermelho, ou ainda alguma relação de época presente nos objetos do ambiente.

Uma das espectadoras disse o que gostava e o que não gostava, como se estivesse num *show room* de decoração, que não faria assim tudo vermelho na sua casa. O que a colocava, em certo sentido, como parte da própria ironia contida na instalação. Notei que as relações de consumo influenciavam a leitura da obra, de forma crítica ou acrítica: no desejo de decorar a casa com a cor vermelha, na associação ao uso da cor em logotipo e ambiente de um *fast-food*, no gosto kitsch, na relação psicológica com a cor, nas relações de sedução e/ou de repulsa.

Também apareceram relações com cineastas contemporâneos como Almodóvar e Tarantino, o primeiro pela carga dramática do trabalho, o segundo pela de violência. A menção da linguagem cinematográfica apareceu em várias entrevistas. Suponho que isso ocorreu devido a diversos fatores. A estrutura da obra em três ambientes confere-lhe uma ordem seqüencial, uma narrativa, como se fossem três “cenas”. Os objetos cotidianos e seu relativo surrealismo dão uma qualidade imagética ao trabalho. O/a espectador/a percebe que está na obra de uma forma muito estranha, ao constatar que ela está sob seus pés em “Entorno” ou de se sentir invadido pelo vermelho. O movimento e o som da água na pia, com uma iluminação direcionada e um fundo escuro, fazem associar à linguagem cinematográfica.

Em “O sistema dos objetos”, Baudrillard aborda códigos de ambiência, onde os objetos não se encontram isolados, mas encontram reciprocidades entre si e com a presença humana. Essa linguagem aflora não só a partir da forma, cor, arranjo espacial, materiais e outras características dos objetos analisadas por Baudrillard, mas dos respectivos valores culturais aí implícitos. Através de valores de arranjo ou de ambiência, o ser humano estrutura um discurso cujos signos seriam os objetos. Esse discurso moral muitas vezes não é plenamente consciente.

Segundo a análise de Baudrillard, calcada também em uma leitura psicanalítica, os objetos cotidianos não fazem parte de um universo inocente. Cildo Meireles interfere subversivamente no “sistema dos objetos”, ou seja, no discurso da moral burguesa aí contido, revelando a sua realidade invisível, ou mesmo tirando partido das potencialidades “ocultas” ou “perversas” desses objetos. Efetua assim uma operação crítica no sistema, na funcionalidade, nos valores de ambiência. O *Desvio para o Vermelho*, por exemplo, ironiza a funcionalidade, o gosto e os valores de ambiência pelo excesso da cor vermelha. Lá os objetos utilitários perdem sua funcionalidade, porque estão inseridos no contexto de uma obra de arte. E os objetos de arte, as obras que estão no ambiente, por sua vez, através de uma operação metalingüística (uma exposição dentro da exposição), são banalizadas nesse interior doméstico, porque se confundem na uniformidade da monocromia do recinto. O curador norte-americano Dan Cameron tece a seguinte consideração a esse respeito: “[As pinturas vermelhas acumuladas] parecem conter uma promessa inicial de transcendência artística, mas terminam por tornarem-se muito mais como que um produto de seu ambiente, como os móveis e acessórios”. Os quadros funcionariam como o avesso de um *ready-made*: objetos de arte que se transformam em objetos cotidianos.

Ao analisar a cor como valor de ambiência, Baudrillard detecta a negação da cor plena no interior burguês doméstico tradicional, onde é reduzida às nuances sóbrias e neutras, como “uma recusa moral da cor (...): espetacular demais, ela constitui uma ameaça à interioridade”. Por isso, a força de *Desvio para o Vermelho* e o fascínio que exerce no espectador não é tanto por sua carga de violência na cor, quanto por sua carga de liberação.

Essa liberação relaciona-se com o desvio das regras estabelecidas. O desvio e a subversão das regras, também está amplamente estudado na literatura antropológica. Em relação aos rituais, manifesta-se sobretudo nos ritos de inversão, como por exemplo o carnaval. Segundo o antropólogo José Carlos Rodrigues, o comportamento desviante é uma transgressão de um tabu, uma violação das regras. Segundo esse autor, “o desvio não está, portanto, presente na conduta mesma. [...] É função da interação entre o agente, o paciente e o sistema social total, já que todos correm a ameaça atribuída ao ato”. A significação do desvio, no todo do sistema, seria

justamente dar forma àquilo que deve ser evitado, ao tabu, que só pode ser plena e paradoxalmente compreendido a partir de sua transgressão. Em última análise, ao inserir certos comportamentos na qualidade estigmatizada de desvios, a sociedade termina por reforçar suas normas reguladoras como valores absolutos.

Em seus escritos e depoimentos, Cildo Meireles refere-se, como potencial de reversão da condição inferiorizada do “gueto”, a concentração de energia devido aos “estados alterados” que observa em tal espaço social. Esses “estados alterados” levam a uma associação com o comportamento desviante que remete, por sua vez, ao título “*Desvio para o Vermelho*”. O conceito de “gueto”, presente em outras obras de Cildo, com base na idéia de um espaço de entropia social capaz de reverter a falta de poder em potência, contrasta com o ambiente do interior pequeno burguês do ambiente “Impregnação”. O fato é que esse ambiente do cotidiano que deveria ser o “normal” vai causando sensações que extrapolam o conforto e jogam com os tais “estados alterados”.

Um dos fenômenos analisados por Turner que desencadeia rituais dos Ndembo é o da gemelaridade. A duplicação de uma única posição, em uma sociedade fortemente estruturada pelos laços de descendência de linhagens familiares, provoca uma crise que termina por caracterizar o fenômeno como uma anomalia. Da mesma forma, as patologias mentais e as culturas marginalizadas em situação gueto compreendem aqueles grupos na sociedade que são produzidos por seus próprios sistemas classificatórios, como o que está fora da lógica de suas categorias de construção da ordem social.

Sendo, os sistemas de classificação, construções intelectuais, e desde que o pensamento não é idêntico à realidade que lhe é exterior, ao mundo real, qualquer sistema de classificação dá nascimento a anomalias, o que significa que qualquer cultura está destinada a enfrentar eventos que desafiam os seus limites interiores e exteriores, bem como os seus princípios e as definições que estes princípios estabelecem. (RODRIGUES, 1983, p. 15)

Com esta citação fecho o apanhado desta breve análise, entre os muitos aspectos abordados na dissertação, que aqui recombinei. Cildo Meireles joga com as possibilidades semânticas das linguagens que organizam a compreensão ocidental moderna do mundo, desafiando seus limites, sua lógica classificatória, produzindo desvios poéticos nas suas bases epistemológicas.

Texto: Renata Wilner

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 1993.

MEIRELES, Cildo. *Cildo Meireles*. Textos de Paulo Herkenhoff et al. London: Phaidon, 1999.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

WILNER, Renata. *Desmedidas: a densa terra volátil de Cildo Meireles*. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

RENATA WILNER possui graduação em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Atualmente é professora da Universidade Federal de Pernambuco. Foi coordenadora do Instituto de Arte Contemporânea da UFPE de 2013 a 2015, diretora institucional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil de 2013 a 2014 e Chefe do Departamento de Artes da UFPE de 2018 a 2020.

DESVIO PARA O VERMELHO

Adriana Montenegro



S/ título; 2019; 33,5 X 25,5 cm; técnica mista s/ papel Canson

Alê Silva



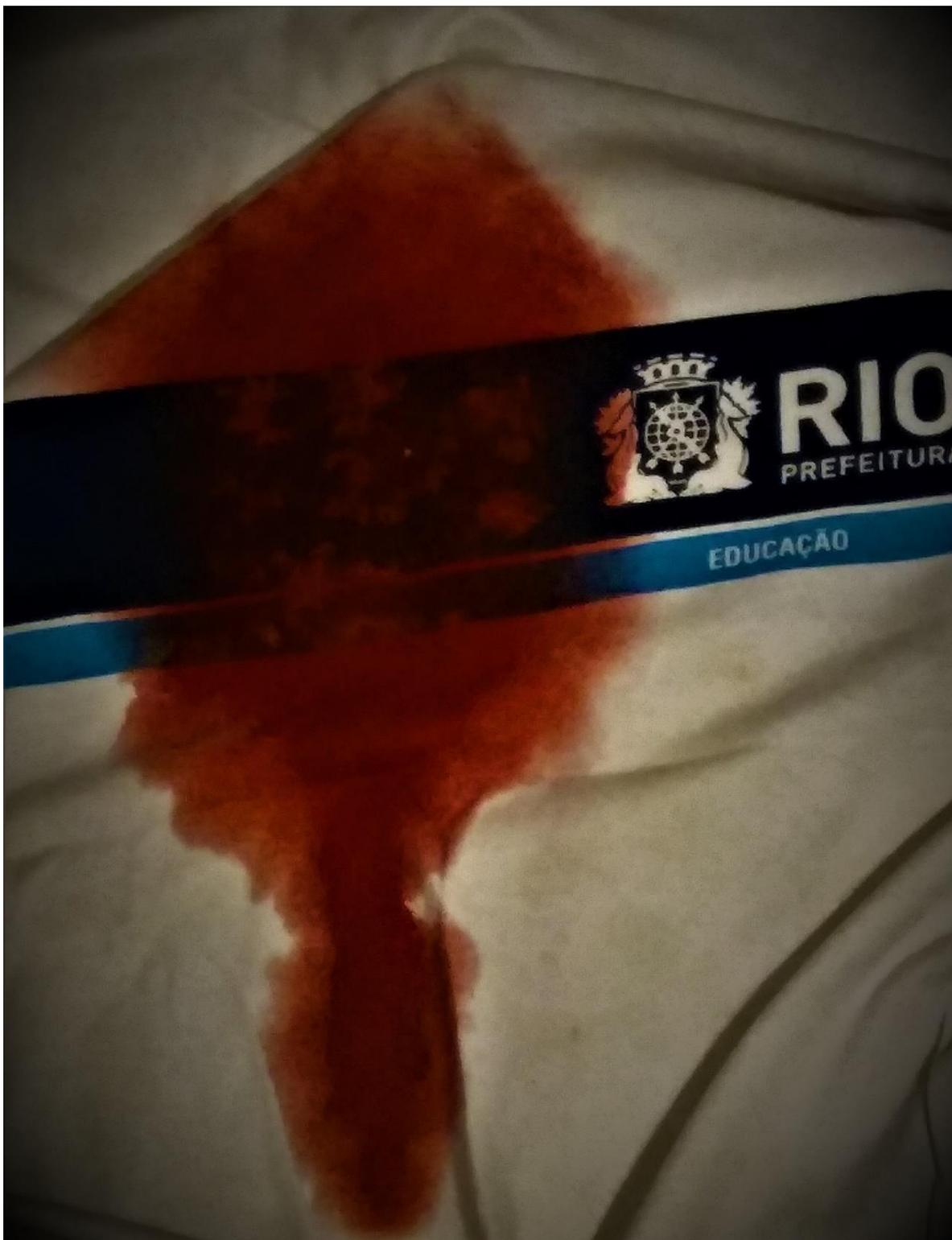
Meu desvio; fotografia digital impressão fine art papel 100% algodão Hahnemuhle photo rag 308 g/m2, impressão Usmininus; 2020; 30 x 42 cm; Edição: 1/1.

Aleteia Daneluz



Safe home (casa segura), 2020. Serie amuletos; 14 x 19 x 8 cm; técnica mista, acrílica, colagem em madeira e vidro

Alexandre Lambert



Vidas perdidas; técnica mista; 30 x 40 cm; 2020

Alexandre Palma



Sem título, Série eu sou cacique; fotografia; 33 x 43 cm; 2015

Ana Durães



Mamounia; fotografia em metacrilato; 42 x 29,7 cm

Ana Cristina Teixeira



S/ título; tinta acrílica s/ papel Canson; 29,7 x 42 cm; 2018

Ana Luiza Mello



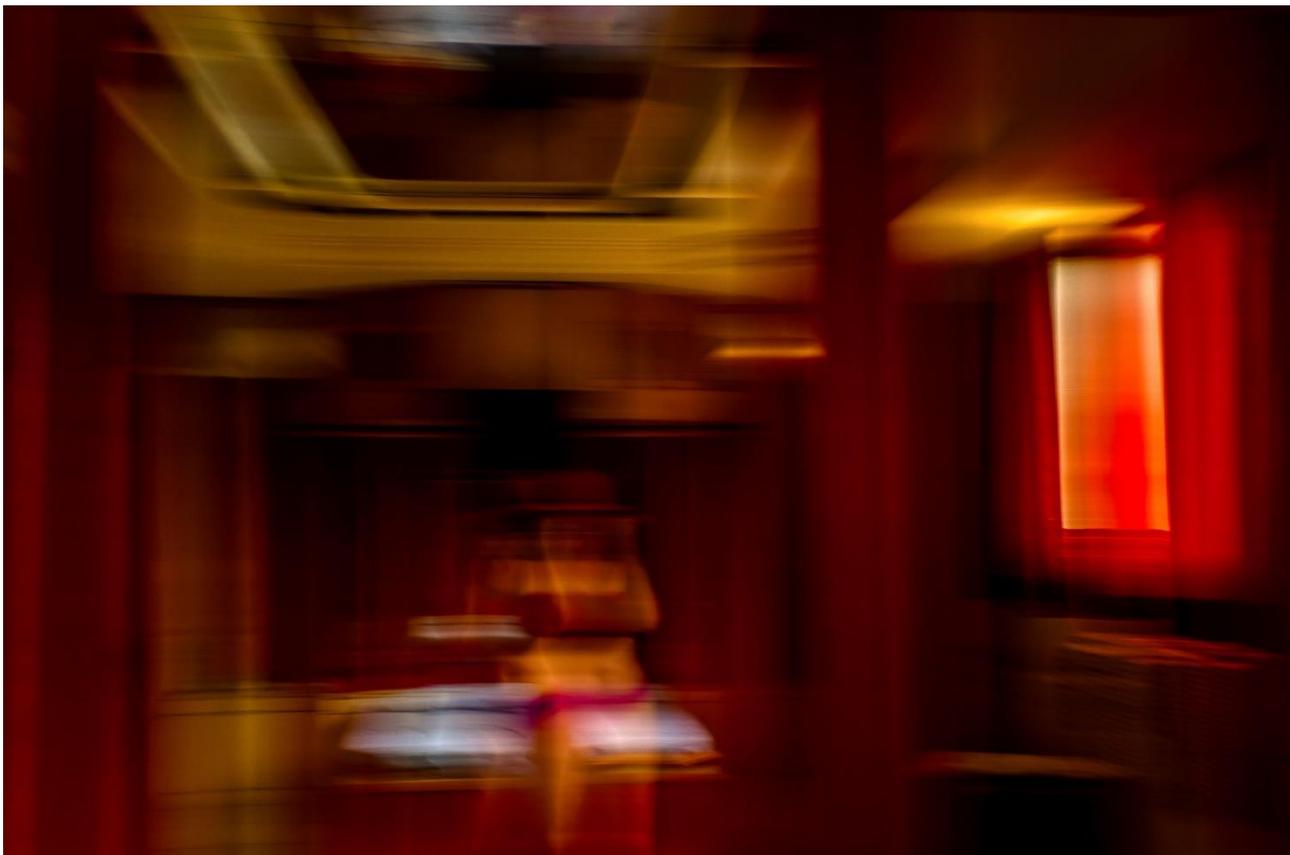
Amor Antigo, Amor Morrido, Perda Total; fotografia com trabalho de arte digital, impressão em papel fotográfico de 180g; 2020; 20 x 30 cm; uma tiragem

Ana Mattos



Liberdade ainda que tardia; 2020; composição Digital, impressão a laser em papel linho Kodak profissional; 26 x 32 cm

Ana Pose



Distopia; fotografia, impressão fine art com pigmento mineral s/ papel de algodão Canson infinity rag photographique; 42 x 28 cm; 2020.

Ana Schieck



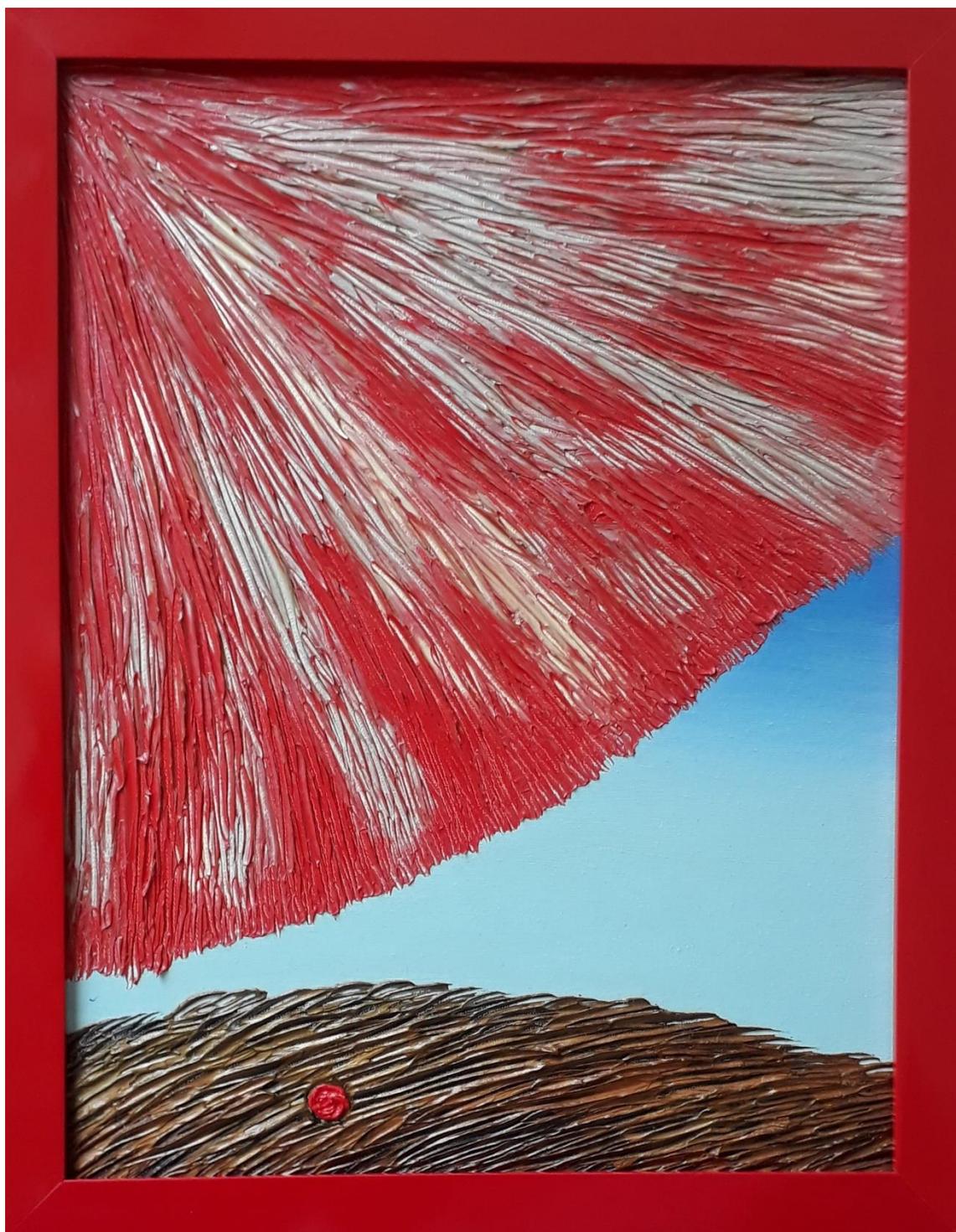
72 x Cildo; grafite s/ papel; 29,7 x 21,0 cm

Anderson Tibau



Vaso; técnica mista - luva cirúrgica, acrílica e aquarela s/ Canson; 2020; 36 x 23 cm

Andres Papa



São Jorge e o Dragão; óleo s/ tela; dimensão A3; 2017-2019

Andréa Acker



Aborto; 2019; 21 x 12 x 7 cm; assemblage (gesso, tinta acrílica, massa biscuit e partes de bonecas)

Anita Fizon



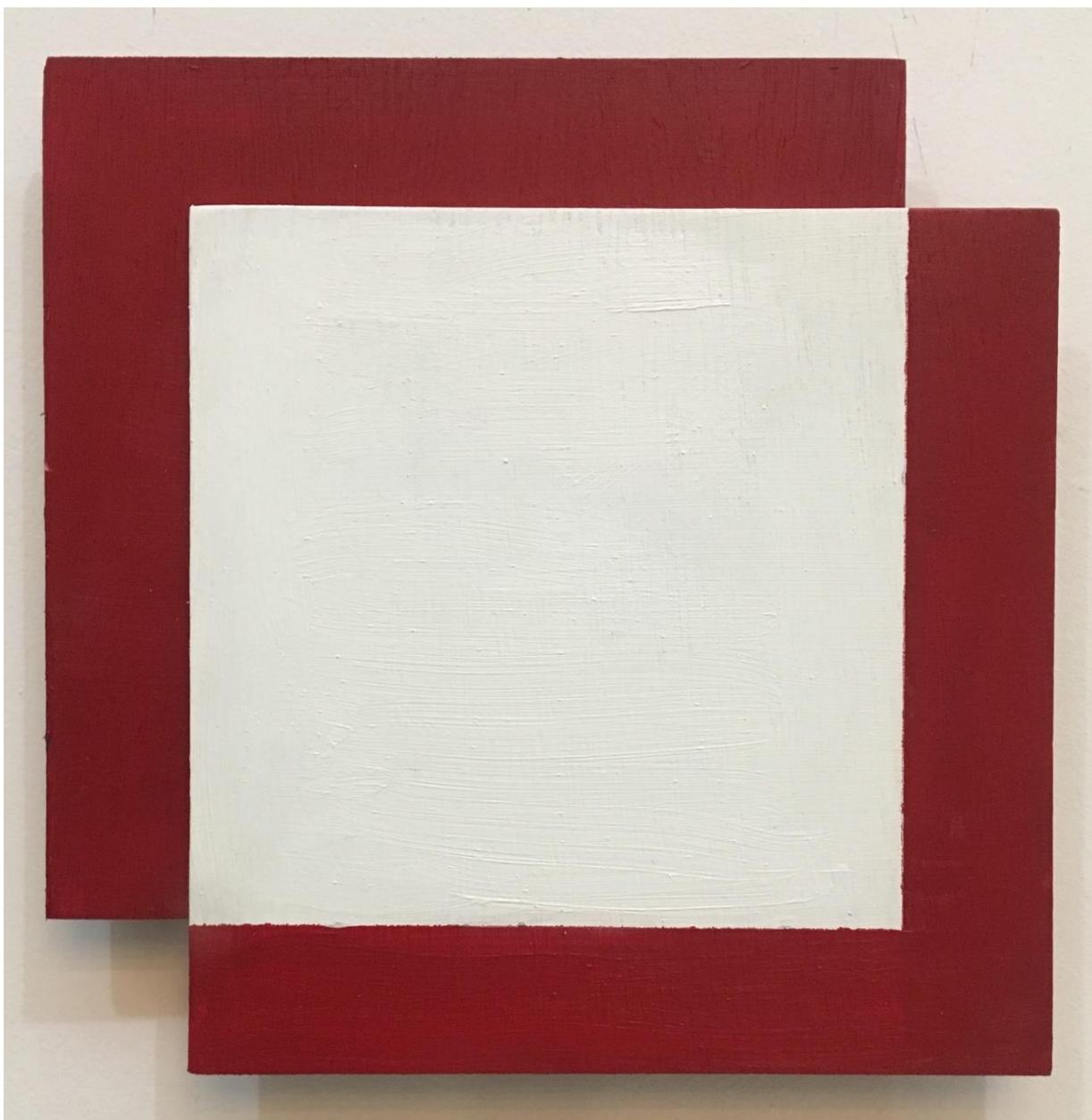
Em processo; madeira, tecido, linha de bordar, sangue; 30 cm x 30 cm x 15 cm; 2020

Anna Braga



Série Nadadores; técnica Mista e acrílica s/ papel couchê; 42 x 29 cm; 2020

Antonio Bokel



desvio para o vermelho; acrílica s/ madeira; 30 x 30 cm; 2020

Antonio Roberto Barreto



Brasileira; fio de algodão, lâmina de madeira, fotografia; 30 x 45 cm; 2020

Augusto Herkenhoff



Homenagem; porcelana pintada queimada a 800 graus, 35 cm diâmetro; 2020

Aurélio Alpoim



Caravela; fotografia digital; 2020; 30 x 40 cm

Bel Guimarães



Desvio da memória; 2020; acrílica s/ tela; formato A3

Bel Magalhães



Desvio dentro é vermelho; tubo de Tinta óleo descascado, caixa de acrílico; 25 x 12 x 13 cm; 2020

Benjamin Rothstein



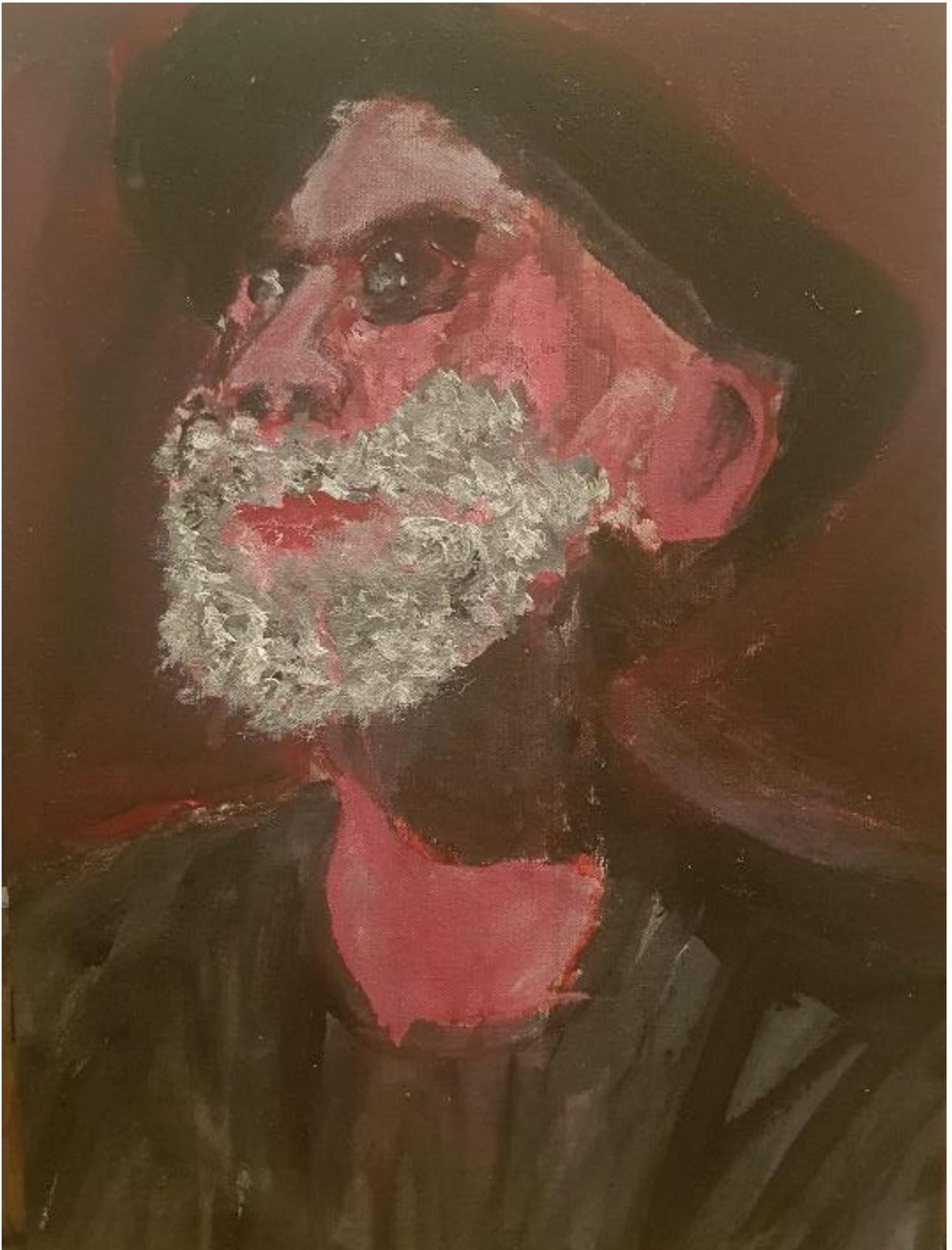
414 Wolverine; técnica mista s/ canvas; 2020; 29 x 36 cm

Bernardo Simbalista



Centro Havana III; fotografia digital impressa em algodão; 2011; 42 x 30 cm;
Tiragem:10

Bernardo Sá Earp



Retrato de Cildo Meireles; 42 x 29 cm; acrílica s/ tela; 2020

Bia Rocha



Origem vermelha; aquarela; 42 x 29,7 cm; 2020

Bosco Renaud



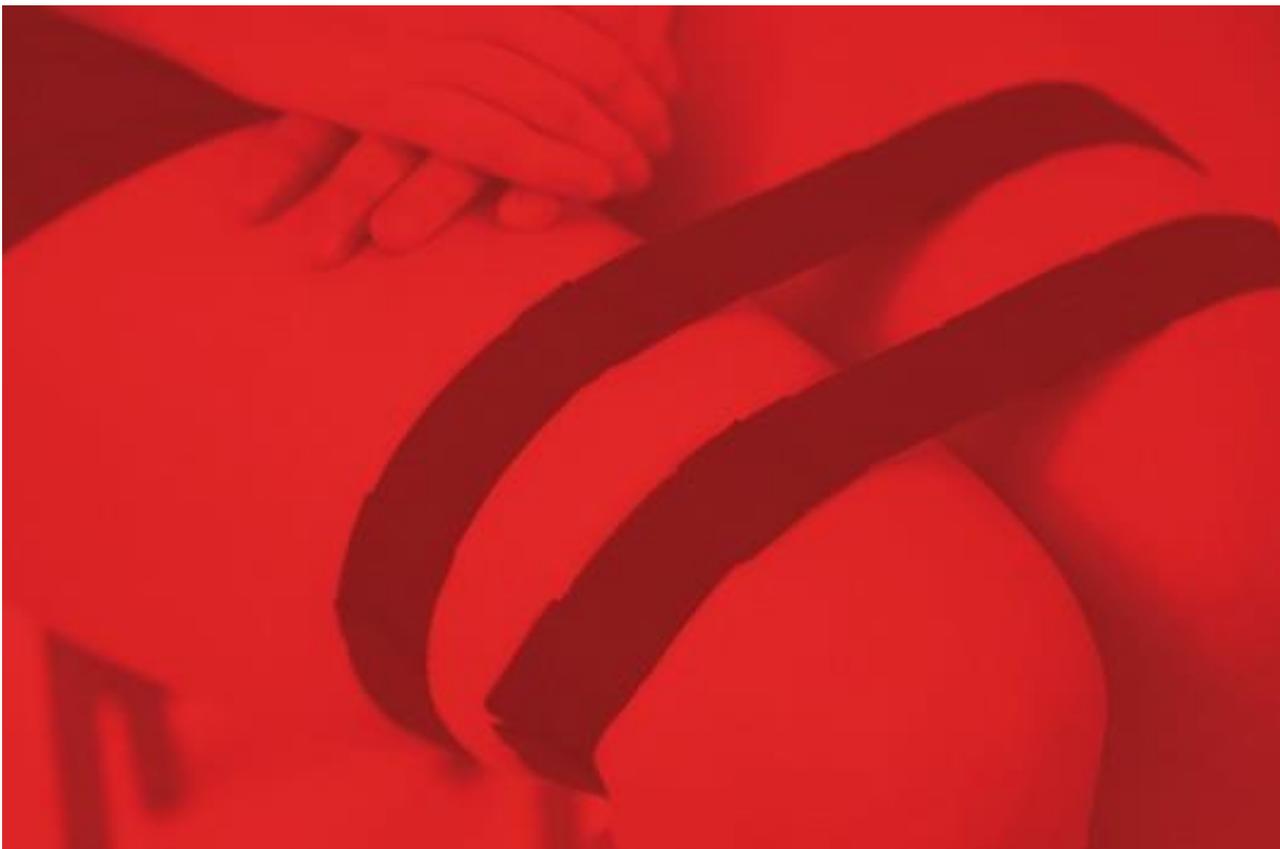
Resquício do vermelho; fotografia; A3

Cácia Chemin



Desvio para o vermelho; impressão digital s/ papel Canson a partir de fotografia, recorte, colagem, pintura; 20 x 40 cm

Carolina Kaastrup



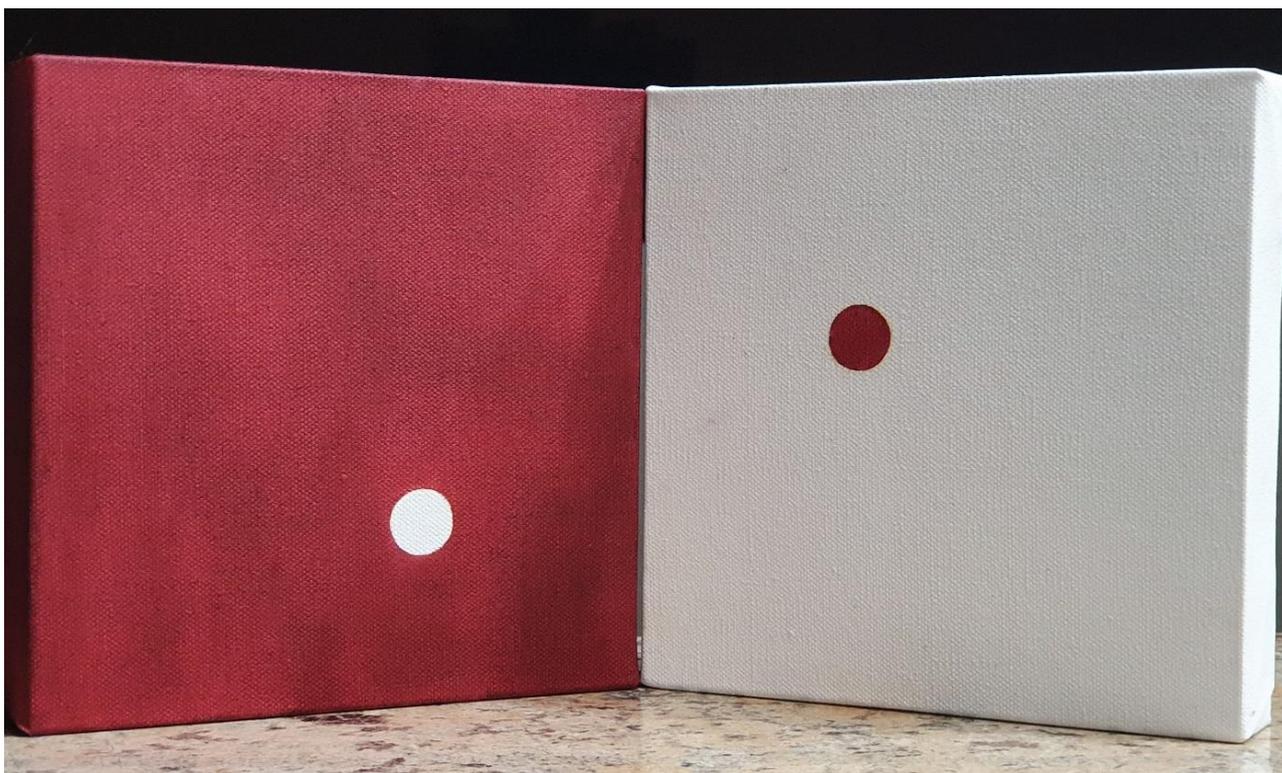
Contenção; 20 x 30 cm; impressão metacrilato; 2016/2020

Carlos Cesari



Deletados; fotografia manipulada digitalmente, impressão a laser s/ papel
fotográfico fosco profissional Kodak; 2020; 28 x 42 cm

Cecilia Ribas



Dois pontos; óleo s/ tela; díptico; 2020; 20 x 20 cm

Cecília Rondon



Desvio, estrada principal; acrílica, colagens s/ linho; 30 x 40 cm; 2020

Celia Pattacini



A Corner A Tale; 2010 – 2019; fotografia, desenho e aquarela s/ papel de algodão; 20 x 30 cm

Celso Adolfo



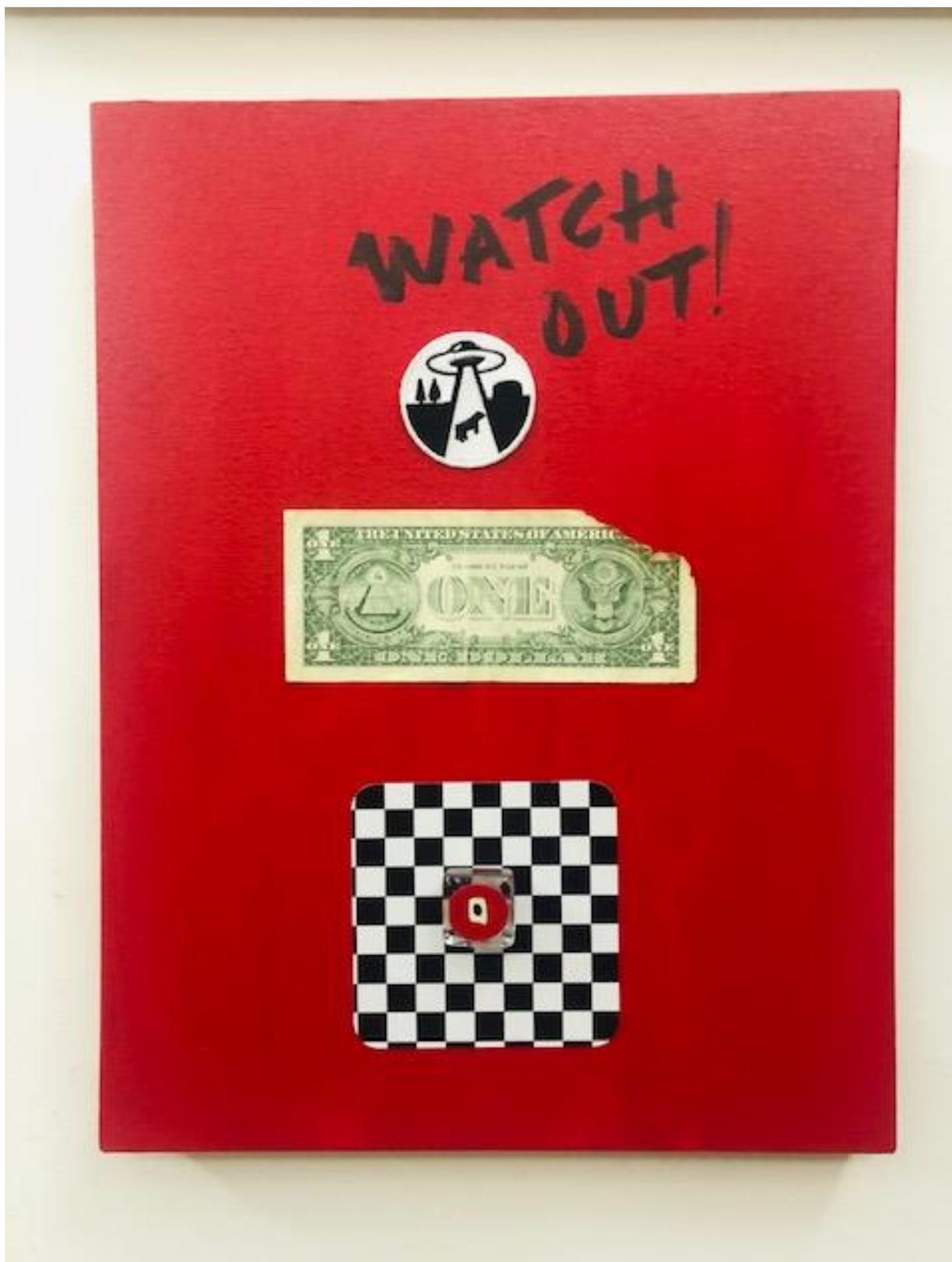
Desvio – magma; mosaico, esmaltes de vidro; 2020; 15 x 15 cm

César Coelho Gomes



Febre; óleo s/ tela; 2020; 30 x 30 cm

Chica Granchi



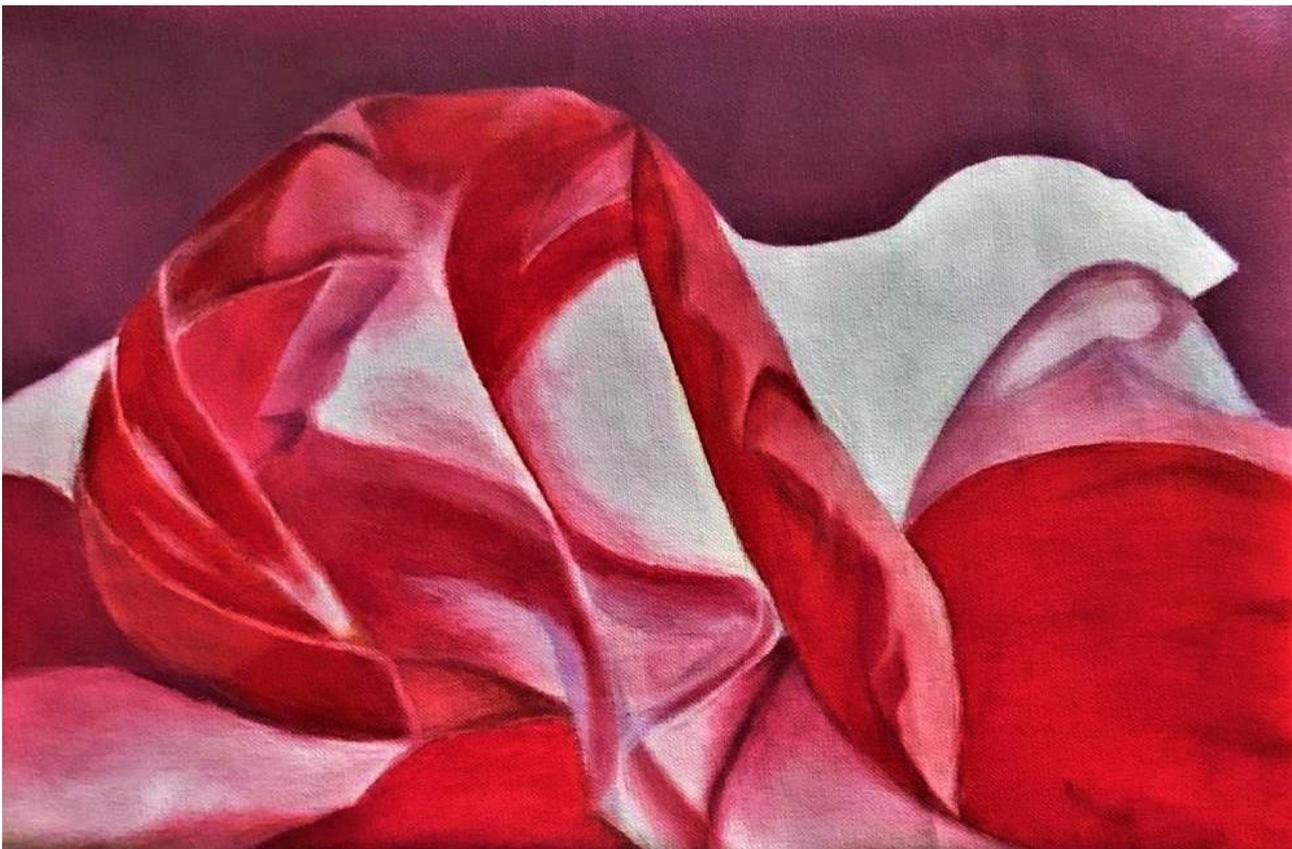
Vale quanto pesa; técnica mista, tinta acrílica s/ tela, colagem, vidro; 30 x 40 cm; 2000

Clara Cavendish



Sem título; tinta látex s/ cartão; A3; 2020

Claudia Carneiro



Vermelho 1; acrílico s/tela; 29 x 42 cm; 2020

Claudia Lara



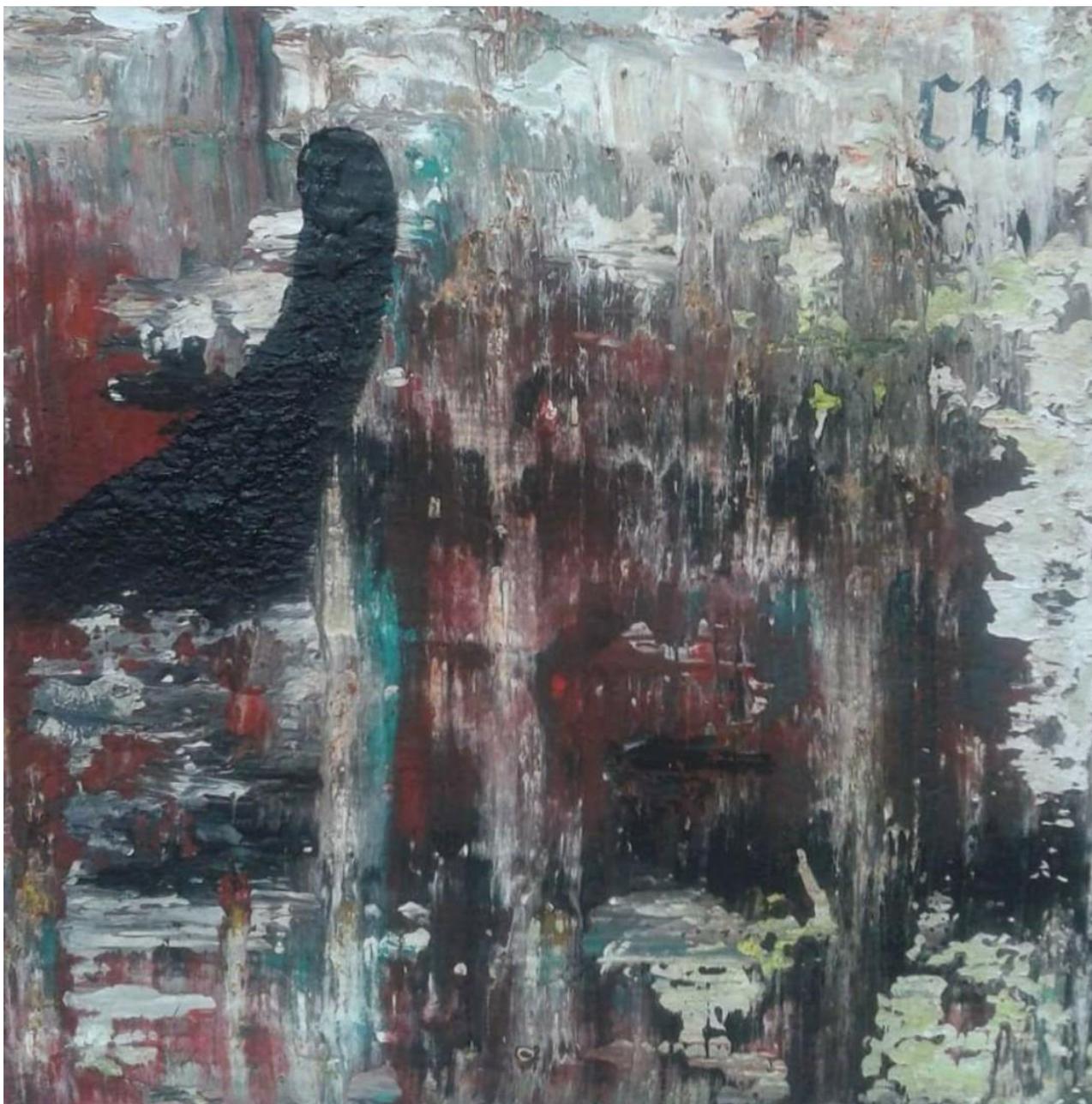
Ninho vermelho; assemblage têxtil; 2020; 41 x 32 cm

Cláudia Lyrio



Juçara; óleo e acrílica s/ tela; 2020; 33,5 x 33,5 cm

Claudia Watkins



Desvio da madeixa; técnica mista s/ tela; 38 x 38 cm; 2019

Claudio Copello



Encontro; técnica mista, tinta acrílica e colagem de papel Canson s/ tela; 2020; 30 x 40,5 cm

Cleone Augusto



Sem título; acrílica s/ tela; 40 x 28 cm

Cota Azevedo



Paralelo; técnica mista, acrílica s/tela; 42 x 32 cm; 2020

Custodio Coimbra



Sinal dos tempos; impressão em jato de tinta s/ papel fotográfico mate; tiragem:
15 cópias; 28 x 40 cm

Daniel Dobbin



Encarnado; acrílica s/ tela; 2020; 35 x 27 cm

Débora Carneiro da Cunha



Série: Portuga; impressão s/ canvas; 2009; 22,5 x 30 cm

Deise Paiva



Qualquer coisa; pintura s/ inox; 2020; 38 x 23 cm

Denise Campinho



Caudado; escultura têxtil: material têxtil, alfinetes, tecidos diversos, malhas, lã, linha com bordados, s/ superfície rígida; 30 x 30 cm

Denise Calasans



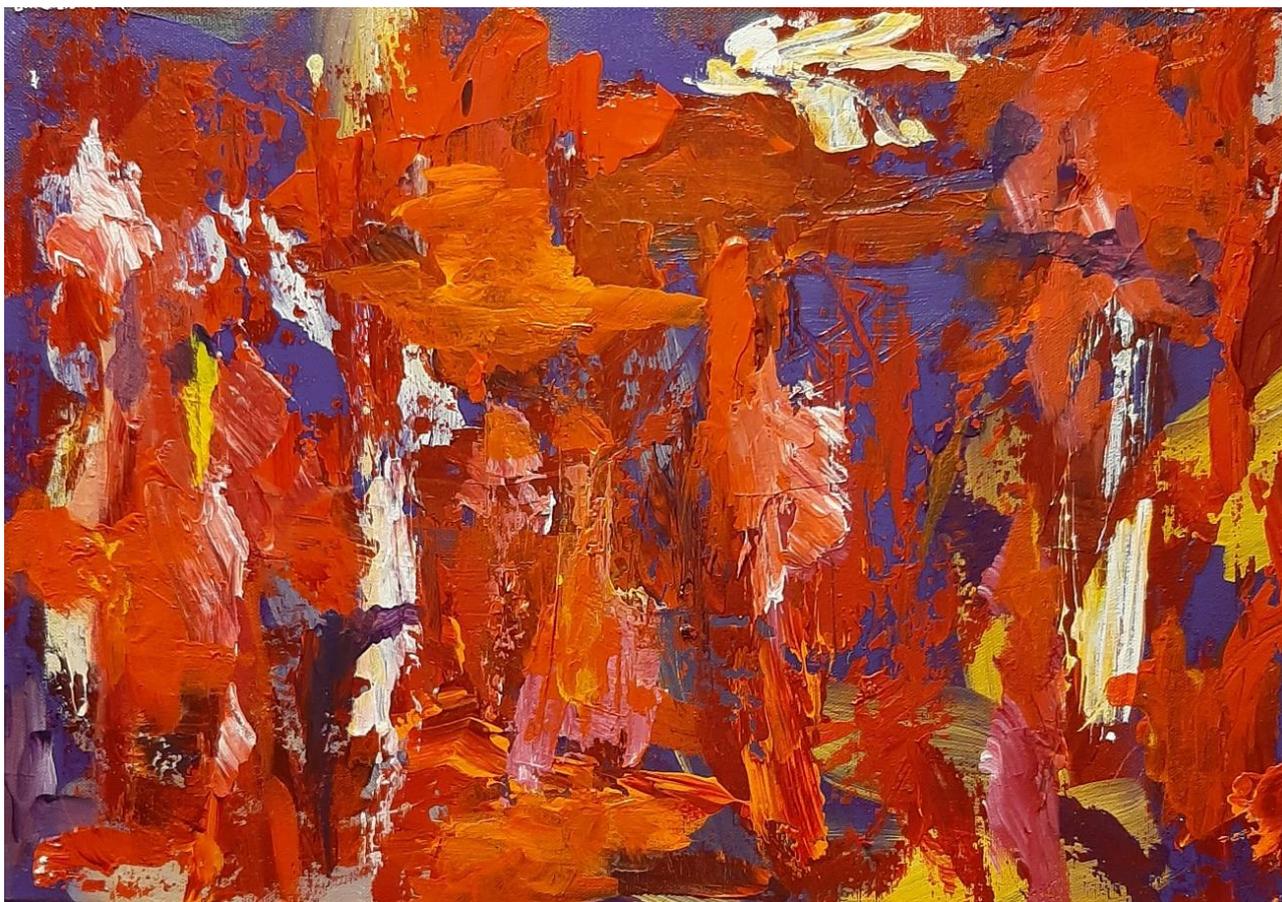
Bem me toque (Série de Cor); feltro, acrílico, alfinetes de aço inox e linha de algodão; 17 x 11 x 5 cm; 2018

Denize Torbes



Cerne Xikrin; madeira, cascas de árvore e tecido; 2020; 30 x 42 cm

Dirce Fett



Vermelho que te quero; acrílica s/ tela; 30 x 42 cm; 2020

Dony Gonçalves



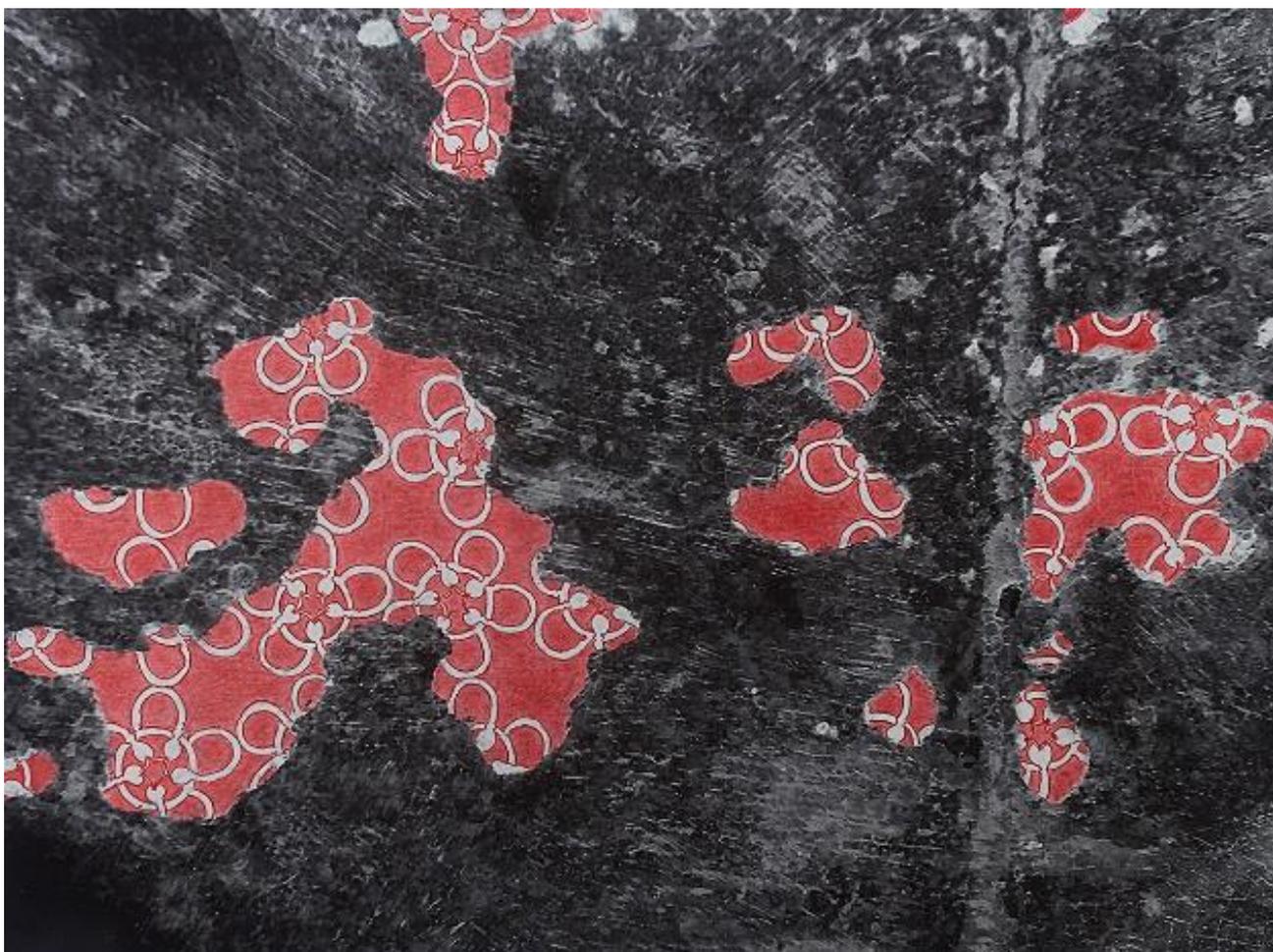
Escape; objeto pintura, desenho, colagem em madeira, nanquim com cola, papel Canson e caneta; 20 x 25 cm; 2020

Dora Portugal



Alguns vermelhos desviados para ti, Cildo; gravura s/ papel; 42 x 29,5 cm; tiragem 1/20.

Dulce Lysyj



Remodelação; nanquim e crayon s/ fotografia; 30 x 40 cm; 2016

Ecila Huste



Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é; fotografia expandida impressa em papel couché; 42 x 30 cm; 2020

Eda Miranda



É isso aí!!; objeto/ materiais - jarra de vidro, fita adesiva, rolha de cortiça; 23 cm x 13 cm (de diâmetro) - prateleira de acrílico (5 cm x 35 cm x 23 cm) com parafusos para afixar.

Edineusa Bezerril



Passagem para o vermelho; lona s/ madeira e cerâmica; 2020; 24 x 24 cm

Eleonora Dobbin



No fundo do quintal; impressão digital s/ papel alfacelulose com pigmento mineral; 30 x 40 cm; 2017.

Elis Pinto



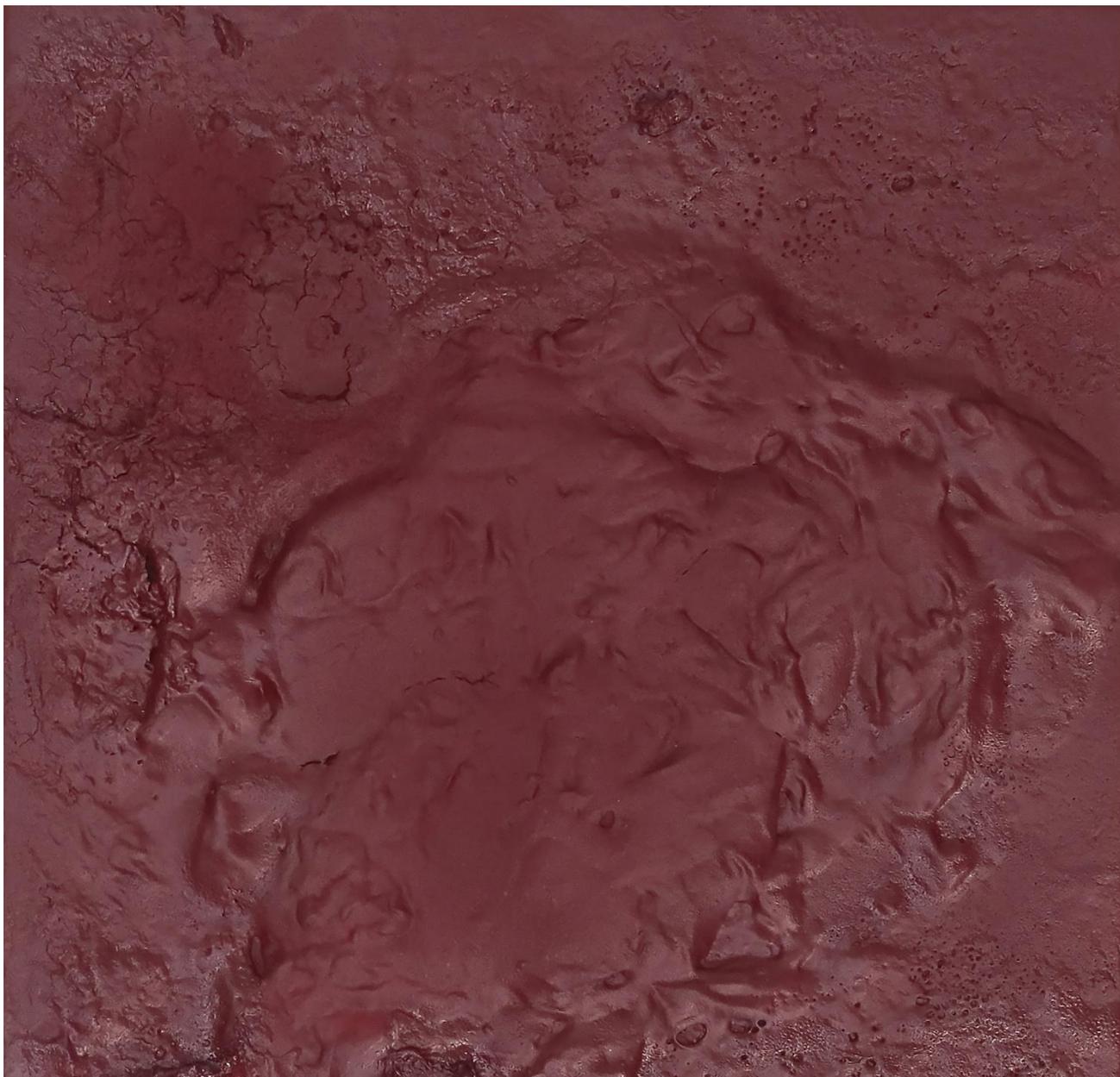
Caminhos de Ogum, São Jorge passou por aqui; fotografia; 2019; 22 x 40 cm

Estevam Ribeiro



Pedra da Gávea; acrílica s/ tela; diâmetro 30cm

Fabiano Fernandes



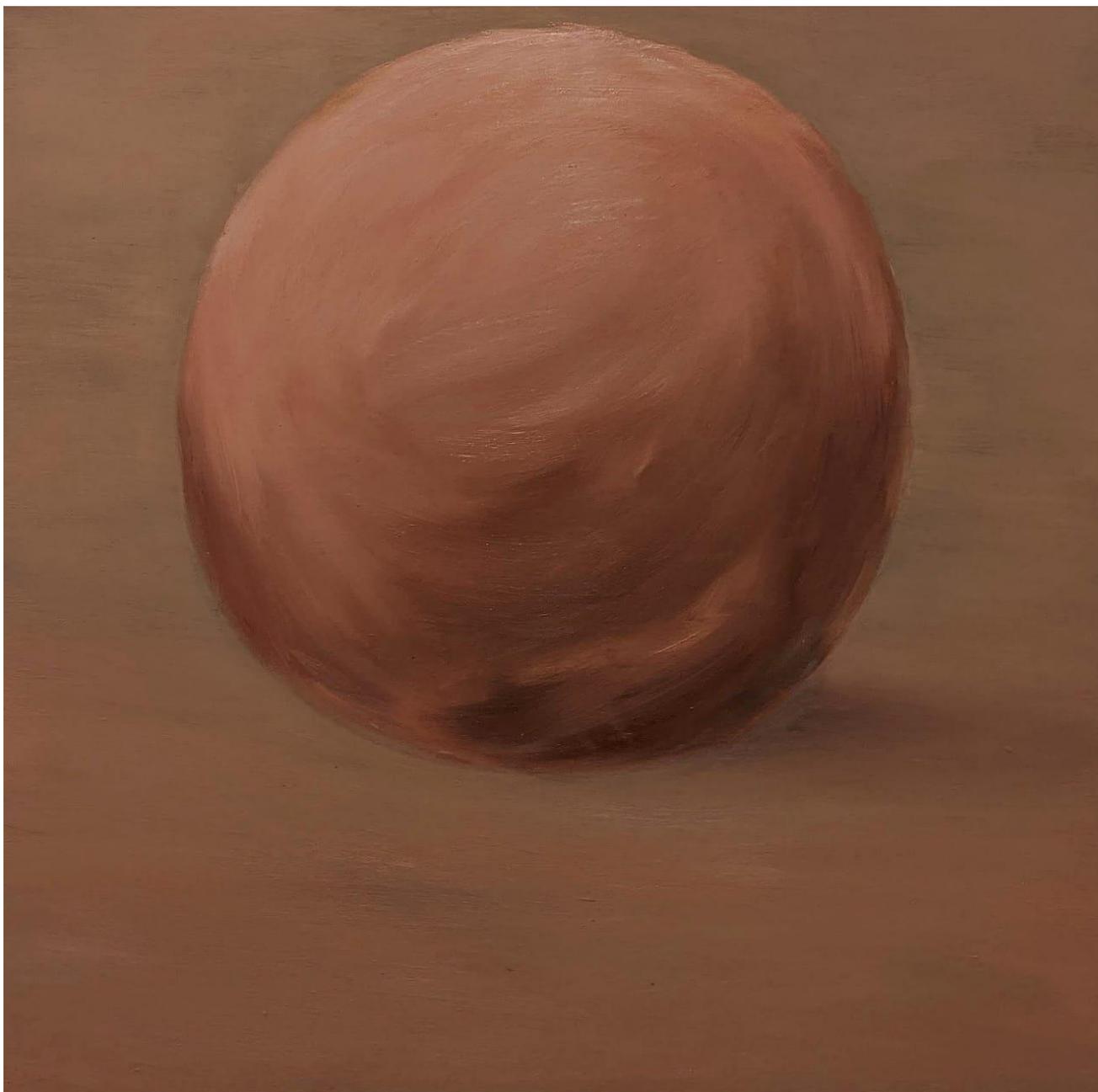
Sem título; técnica Mista; 20 x 20 cm; 2020

Fernanda Godoy



Guia / 50 km de linha estendidos e recolhidos; caixa de madeira, acrílica, impressão s/ papel, linha de poliéster; 2020; 32 x 24cm

Fernando Brum



Massa; óleo s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Fernando Rosetti



Abstrato em pequeno formato; acrílica s/ tela; 2020; 30 x 40 cm

Fionn Locke



Roda de Loucos II (d'après Jacobo Borges 1974); técnica mista s/ papéis Fabriano e outros em qualidade "archival"; formato A3; 2020.

Flávio Ardito



Sem titulo; fotografia; 23 x 33 cm; 2020

Gardenia Lago



Série Brincantes; barra de alumínio, gaze, gesso, tinta PVA; 40 x 30 x 28 cm;
2020

Gerhild Schiller



When nothing goes right, go left; fotografia, técnica mista; A3

Gloria Conforto



Chamas; 2020; têmpera Sennelier s/ papel de algodão Arches; 24 x 32 cm.

Gloria Seddon



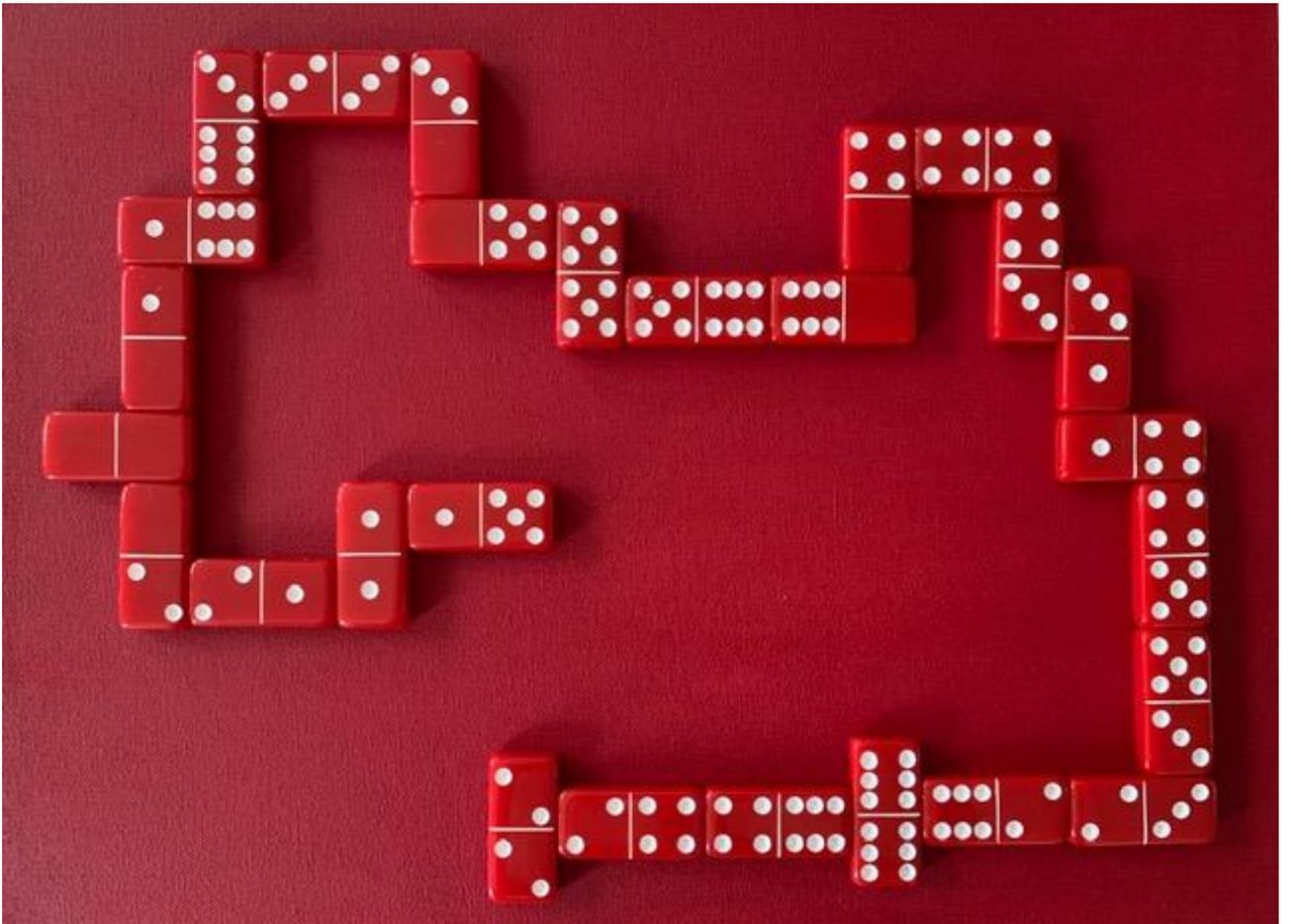
Misoginias; pintura s/ objeto apropiado; 26 x 13 x 13 cm; 2020

Gilda Lima



Intervalo; fotografia digital impressão fine art papel algodão; A3; 2014; edição única

Gilda Santiago



Absurdamente Lógico - Série Dominó; peças de dominó em resina s/ tela; 30 x 40 cm; 2020

Giselle Vieira



Os Vermelhos; fotomontagem (papel couché 300g, impressão laser); 29 x 42cm; 2020; tiragem: (1/10)

Graça Pizá



Coronafear; tinta acrílica, flocos de espuma, máscara cirúrgica, bonecos de plástico

Helena D'Avila



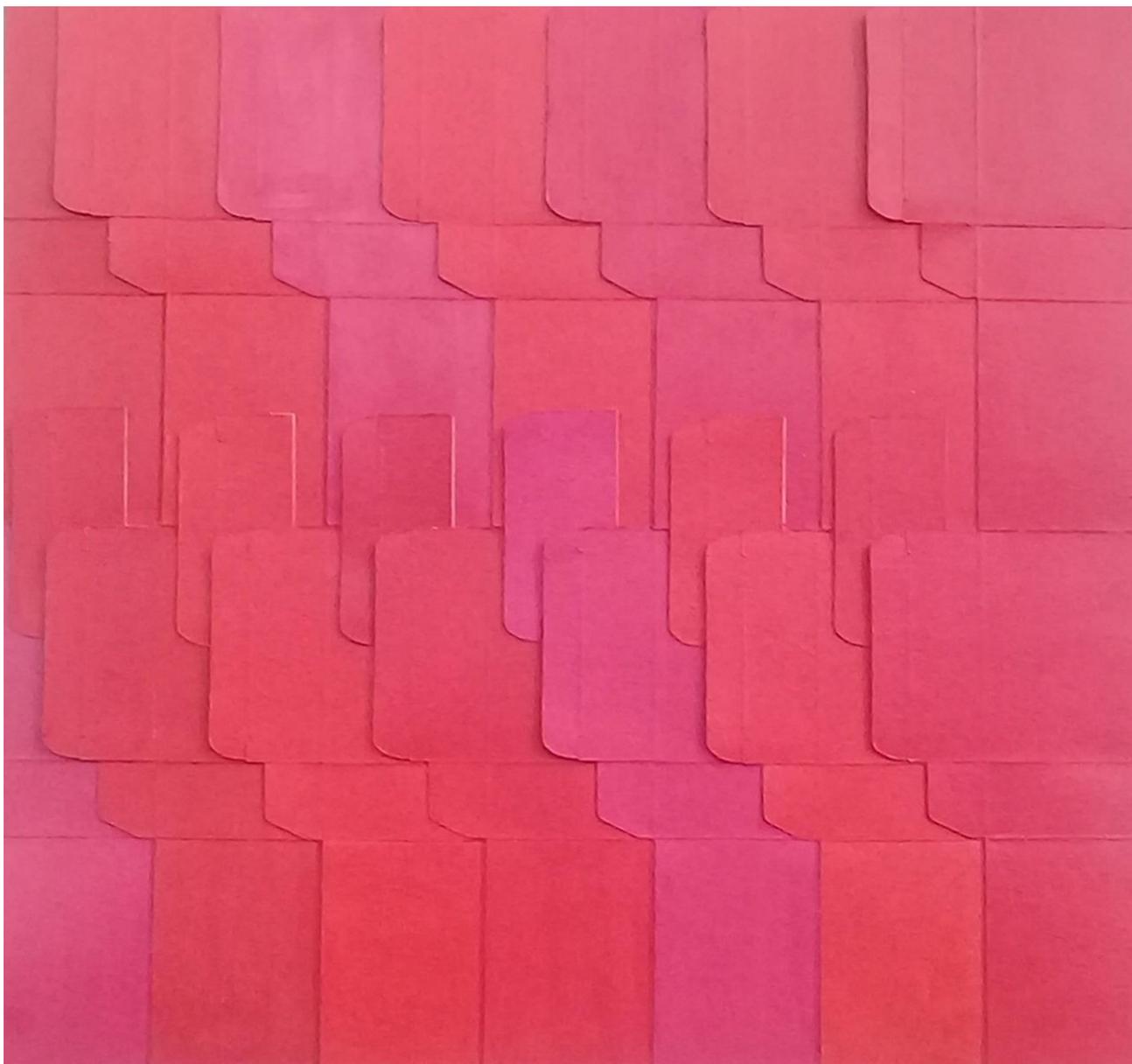
Sem título; impressão em papel fotográfico; 40 x 30 cm; 2020

Helena Pontes



A terra sangra; colagem, areia e pigmento natural; 43 cm x 30 cm

Helena Wassersten



Transvio; acrílica, cola e caneta em caixas de papel Kraft; 30,5 x 32 cm; 2020

Helenice Bueno



Rouge; colagem com tecido adesivado; 30 x 28,5 cm; 2019

Helenice Dornelles



Sala vermelha; acrílico s/ papel; 21 x 34,7cm; 2020

Helôisa Madruga



Recanto; técnica mista; 2020; 42 x 31,5 cm

Igor Gomes



Ponto; fotografia / impressão s/ pvc; 40 x 30 cm; 2020; tiragem 1/5.

Ilcio Arvellos



Criação do vermelho; colagem digital a partir de fotos de celular; 40 x 30 cm; 2020; prova única

Isabella Marinho



Sem Título; técnica mista; 33 x 43 cm

Isis Braga



A terra vermelha; gravura em metal com intervenções a lápis aquarelado, caneta marcador e aquarela (gravura 5/5, com intervenção edição única); 2020; 25,5 x 34,5 cm

Isis Quaresma



Flor-Ação; tinta e caneta acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2020

Iza Valente



Do Ar, série: Materna; acrílica s/ papel; 2010; 30 x 30 cm

Jabim Nunes



Casa Vermelha; acrílica s/ compensado 6 mm; 37,5 x 33 x 17 cm; 2020

Jarbas Paullous



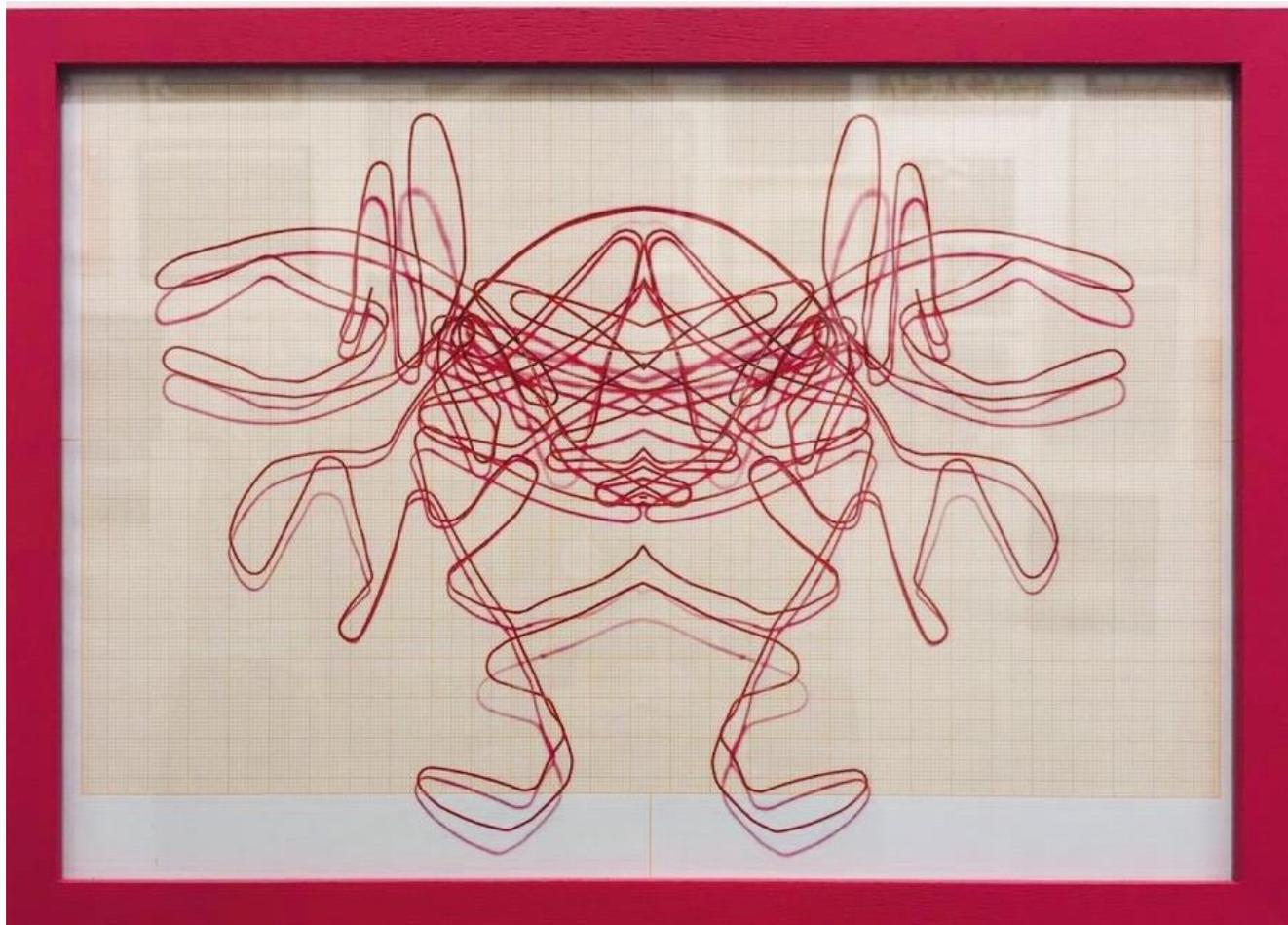
Performance: "Usando o Vermelho" - utilização de vários tipos de tecidos vermelhos; 2020
Fotografia: Wolney Borde

JaquesZê



Un peu du rouge; 2020; 20 x 40 cm; pintura acrílica s/ tela

Jaques Faing



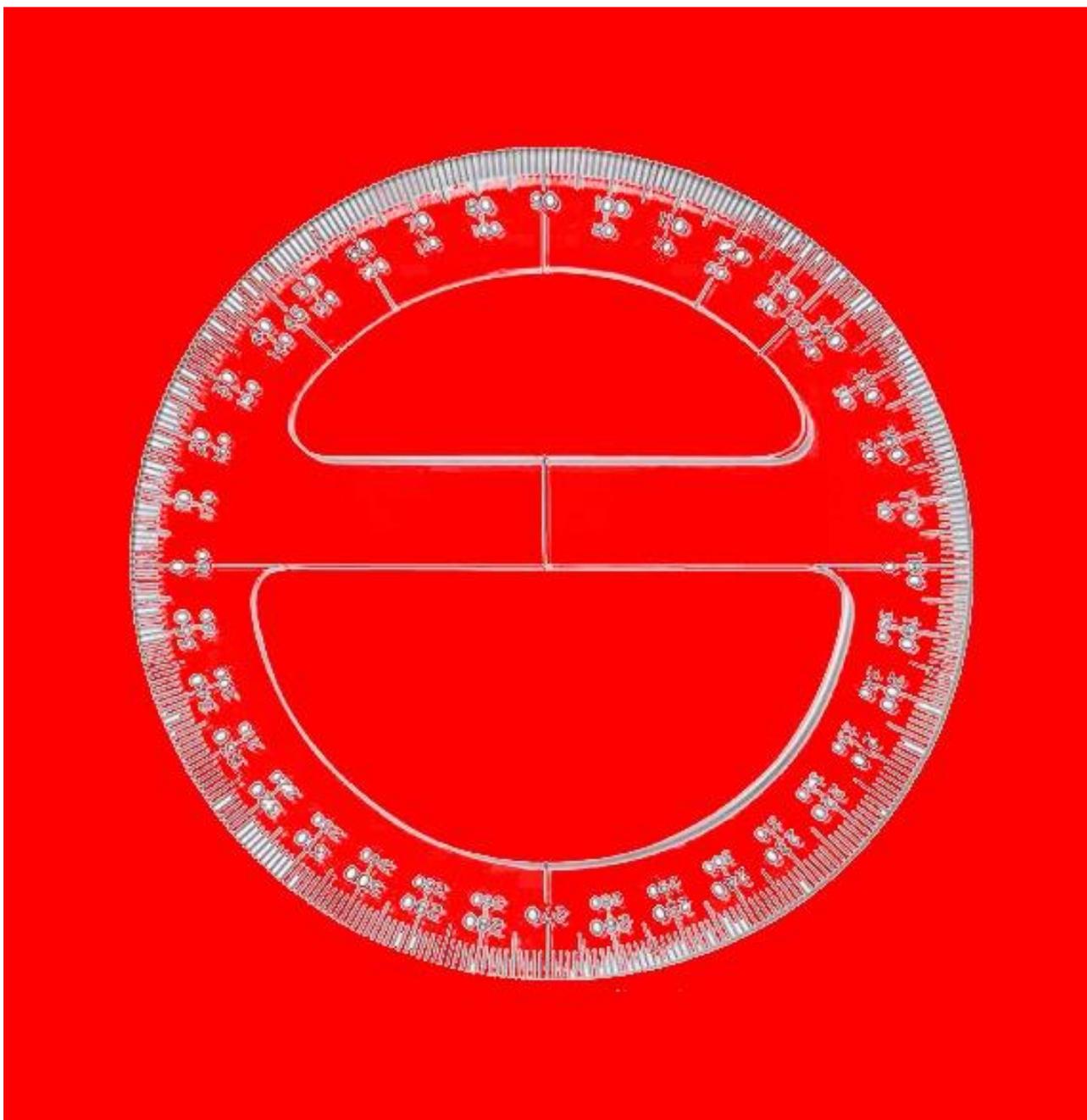
série Grafocaos; 2020; 20 x 30 cm; impressão laser, papel milimetrado, vidro, madeira e tinta.

Jô Cavallin



Donna, óleo s/ tela, 20 x 30 cm, 2020

João Sabóia



Desvio; colagem; A3; 2020

Joel Gama



Duo: dentro e fora - 2020

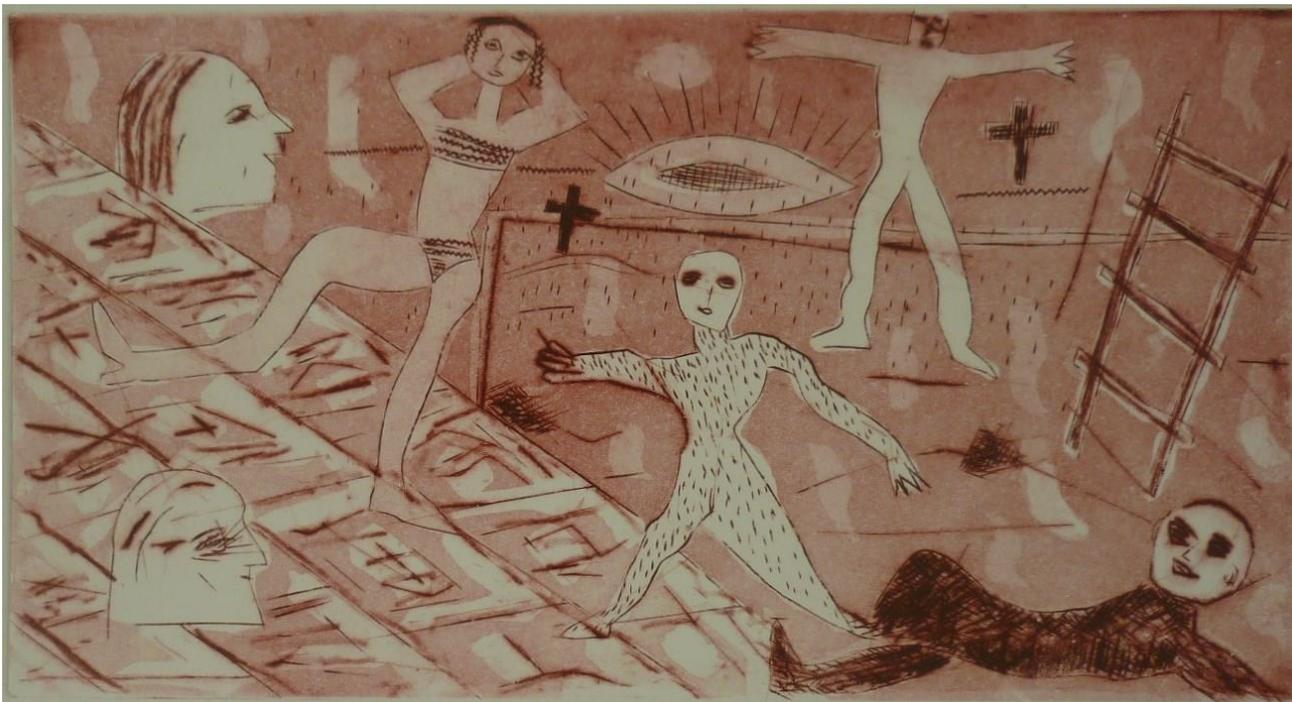
O Ninho: caixa de acrílico: 35x 35 x 35 cm; rinol: 20 cm de diâmetro; cascas e sementes de jatobá; totem: 40 x 40 x 87 cm



Performance

O Banquete: totem: 40 x 40 x 87 cm; bacia: 75 cm de diâmetro, altura 16 cm; garrafa: 4 garrafas de 2 litros / cada; tapete: 1,40 x 2m; cadeira de pvc vermelha; banana: 4 dúzias (2 dúzias falsas, 2 dúzias verdadeiras)

Jorge Cerqueira



Provocante; buril, ponta seca e água tinta – gravura em metal; 24 x 37 cm;
tiragem: 1/10

Jorge Barata



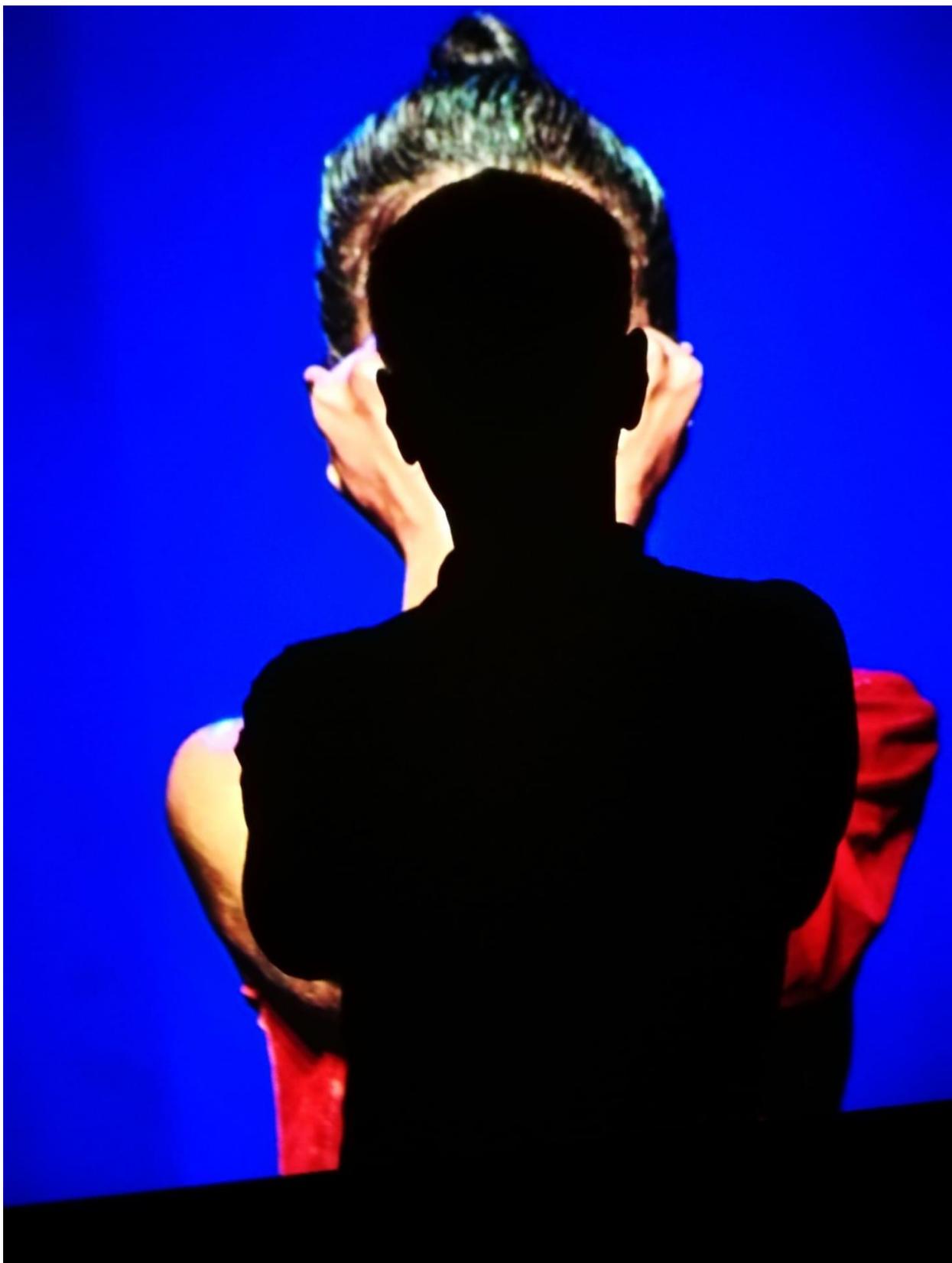
Vermelhidão, acrílica s/ tela; 2020; 15 x 25 cm

Karla Gravina



S/ título; lápis sanguínea, grafite e ponta seca s/ lixa d'água; 2016; 21 x 29,7 cm

Lando Faria



Desvio pela sombra; fotografia; 2019; 20 x 30 cm; tiragem 2/5 .

Laura Bonfá Burnier



Desvios; 2020; técnica - pigmento, areia; 28,5 x 28,5 cm

Lea Soibelman



Graphotáctil; gravura em metal, ponta seca, papel artesanal feito pela artista;
40 x 26 cm

Leila Bokel



Sem título; técnica mista; 2020; altura 32 x largura 26 x profundidade 15 cm

Leila Pugnaroni



Desvio; tinta acrílica s/ madeira; 2020; 40 x 30 cm

Leo Stuckert



Red Shift 2; acrílica s/ tela; 2020; 30 x 40 cm

Lena Tejo



Vermelha; técnica mista; 35 x 13 x 12 cm; 2020

Lenn Cavalcanti



Desvio 20; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Lia do Rio



Cubo cor; carvão; 10 cm de lado; 2001

Ligia Calheiros



Circuito interno; desenho/impressão; 30 x 36 cm; 2019

Liza Tancredi



Redshift; acrílica s/ papel; A3; 2020

Lourdes Duarte



Puerperas; cerâmica, queima em Raku; 2019; 42 x 32 x 15 cm

Lu Guedes



s/título; 2019; monotypia/ impressão digital com pigmento mineral s/ canvas; 29 x 41 cm

Luciane Villanova



Vermelho; 43 x 31,5 cm; monotipia; tiragem: 1/1

Lucio Volpini



Alerta vermelho: insetos em perigo; madeira, miniescultura em resina. esmalte e prego; objeto; 10 x 10 x 12 cm; 2020

Ludmila Mueller Leal



Iluminura me; 2019; 20 x 20 cm; bordado com linha acrílica s/ jeans e seda

Luis Christello



El llano en llamas; pastel s/ impressão fine arte; 2019; 21 x 28 cm

Luiz Nogueira



Vendedoras; fotografia; 01/20; 29,7 x 42 cm; 2019

Luzia Velloso



Desvio pro Vermelho; 23 x 29 cm; 2020; monotipia.

Márcia Estellita Lins



Red Bubble I; 2020; collage, com referência a *mail art*, utilizando foto de performance em *body projection*; quadro 1 do quadríptico; edição 1 de 3; 28 x 28cm

Márcia Rommes



Passos para o futuro; 10 x 10cm

Marcia Cavalcanti



Sem título; óleo s/ tela; 30 x 21 cm; 2015/2020

Marcio Atherino



Cueca pintada em vermelho, amaciada numa tábua de amaciar carne; técnica mista; 2004; 44 x 25 cm

Maria Cecília Leão



Autorretrato Corpo em Catarse; autorretrato impresso em papel fine art Hahnemuhle, photo rag 310 + colagem; 2019/2020; 20 x 30 cm

Performance: Quando as emoções transbordam

Maria Cherman



Meu vermelho no desvio da série Meus Vermelhos; óleo s/ tela; 33 x 24 cm;
2004

Maria Goretti



Vermelho; acrílica s/papel Canson; 28,5 x 34,5 cm

Maria Eugênia Baptista



Desvio para o íntimo do todo, da série Visceras da terra; 2020; argila com pigmento (pintado com as mãos), cera e óleo s/ tela; 41 x 27 cm

Maria Lucia Maluf



Sem título, Uma borboleta em alfinetes, da série Hostil/ Sedutor; caixa de acrílico s/ uma gravura em vermelho; 2019; 27 x 23 cm

Maria Perdigão



Femmina in Rosso, Série O Feminino; aquarela; 20 x 20 cm

Marilia Jaci



Sem título; fotografia; Série 1/5; 33 x 22,5 cm; 2020

Marilou Winograd



D'après Bunüel pour Cildo M.; objeto, 1/3, fotos, espelhos, agulhas de tapeceiro, 2 caixas de acrílico; 17 x 25 x 10 cm; 2018

Marlene Reinaldo



Sem título; fotografia digital macro impressão em papel 100% algodão fine art;
2017; 30 x 40 cm; tiragem 2/10

MarQo Rocha



"Red esvio"; técnica Mista, (Políptico); 12 x 14 cm cada

Marta Bonimond



Maiakóvski; acrílica s/ madeira; 40 cm diâmetro; 2020

Marta Strambi



Molotov; porcelana a 1320 °C (1/7); 2020; 20 x 6 x 5 cm.
Fotografia: Mauricius Farina

Martha Barros



Homenagem; acrílica s/ tela com colagem; 39 x 31 cm; 2020

Martha Niklaus



Choque de Cores – Vermelho; fotografia manipulada; 27 x 31 cm; 2011.2020;
tiragem 1/20

Mauricio Theo



Vermelhos 1; foto composição s/ papel fotográfico; 30 x 30 cm; tiragem: 1/ 10.

Mauro Kleiman



Trapinzonga de parede n 1; estrutura de sarrafos de madeira colados e plástico vermelho sobre a estrutura podendo manipular e tomar várias formas, presa na parede por dois ganchos de arame; 40 x 30 x 18 x 30 cm; 2020

Mayra Rodrigues



Des-Ista, poema sonoro para dobras e quinas. O sufixo "ista" foi difundido a partir da revolução francesa, sendo fortemente utilizado para designar os seguidores de sistemas ideológicos. Vídeo de 4'30"; 2020

Milla Sammarro



Descartes; acrílica s/ tela e lambe-lambe; 2020; 40 x 30 cm

Moema Branquinho



Hiato; técnica mista, garrafinhas de vidro, rejunte, tinta acrílica, fios de cobre, papel, vidro s/madeira; 2020. A obra pode ser apresentada como uma ampulheta – 32 x 22 x 6 ou 22 x 32 x 6 cm.

Monica Barki



Red Mirror; 2020; fotografia s/ papel de algodão; 42 x 24 cm; edição de 5

Norma Mieko Okamura



Física do Mar - Série Ondas do Mar I; fotografia com interferência de carimbo da família s/ lona fotográfica em acrílica; 30 x 30 cm; 2020; edição única.

Noemi Ribeiro



Corte & Sutura; 2020; técnica mista - digital print, guache e grafite s/ papel de algodão Canson; 30 x 40 cm; numeração: 1/1

Olívio Neto



Congresso Vermelho; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm

Paula Erber



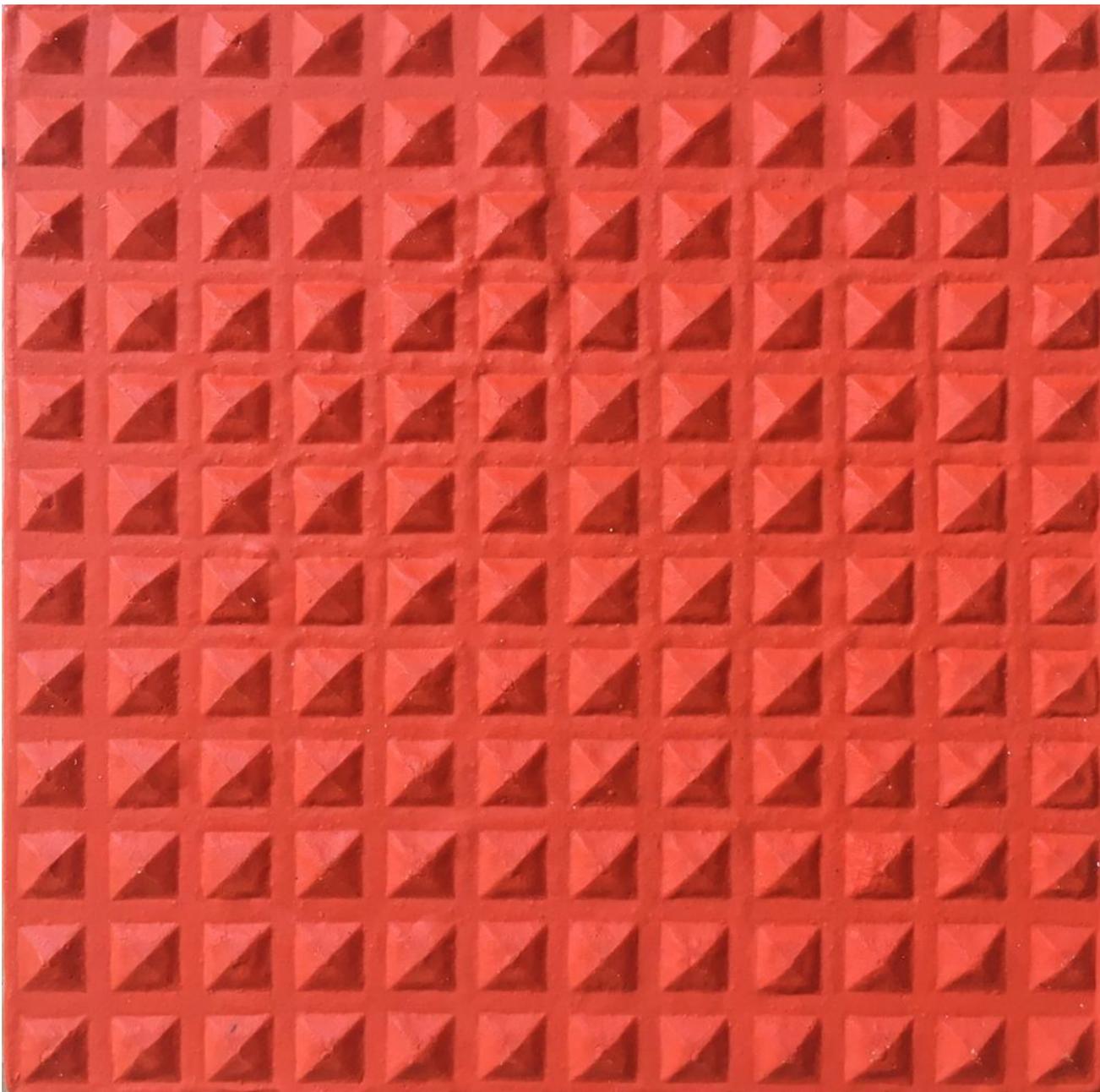
Nem às paredes confesso; espelho antigo da feira da Ladra, verniz de unhas; 2020; 27 X 14,5 cm. Inspirado em música de Amália Rodrigues

Paulo Innocencio.



Malvaviscus; fotografia; 2020; 25 x 38 cm; 1/1

Paulo Marendino



Vermelho cádmio; pintura moldada acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2019

Paulo Pittol



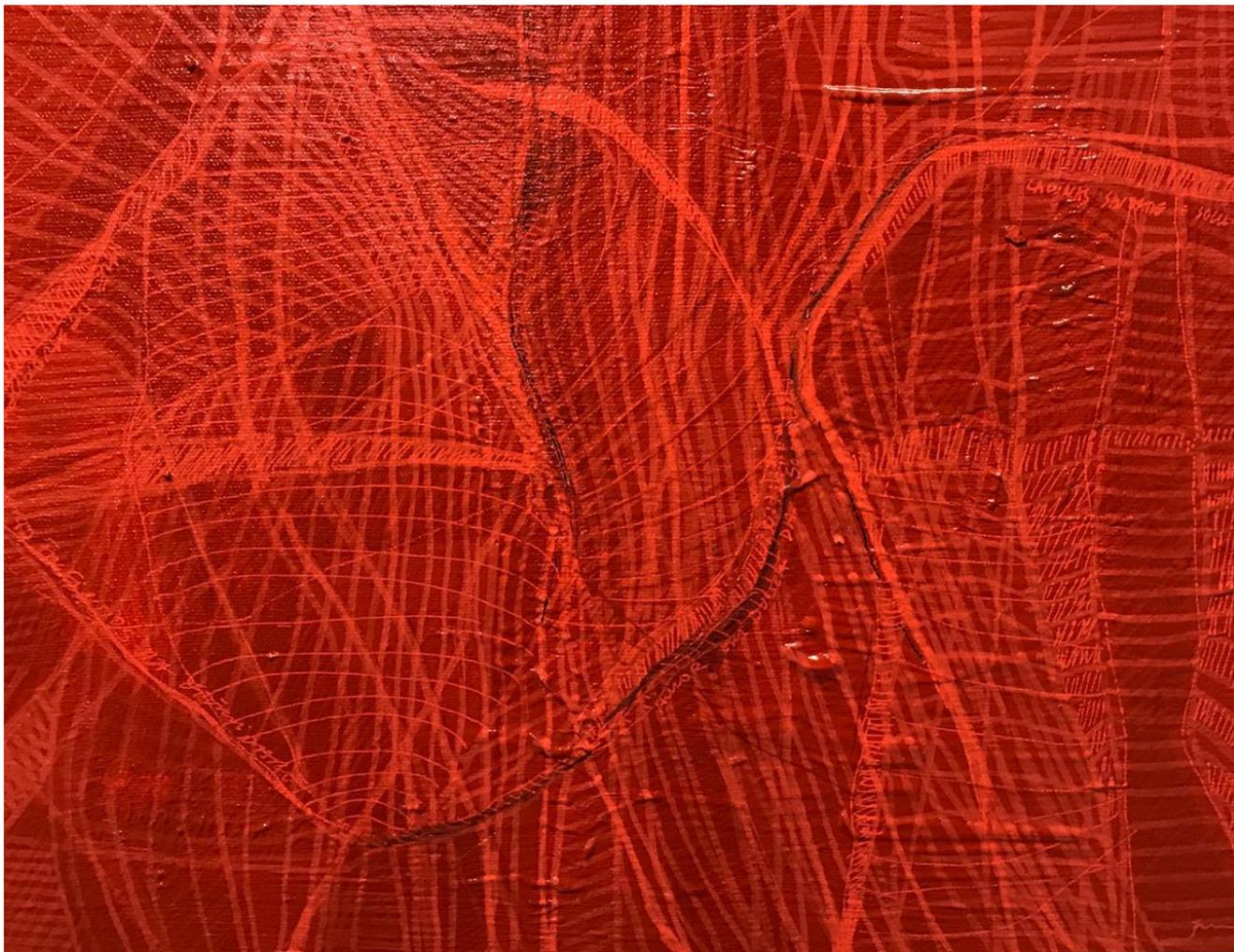
Prólogos do epílogo; fine art de pintura digital; 30 x 40 cm; 2020

Patricia Assumpção



S/título; técnica mista s/tela com colagem; 2020; 20 x 20 cm

Petrillo



Onde está esse lugar?; pintura e desenho s/tela; 27 x 35 cm; 2020

Pina Bastos



Descanso; 2020; acrílica s/ tela; 22 x 27 cm

Priscila Rocha



Desvio: Fragmento, Rastro, Episódio; acrílica e soldadinho de plástico s/ tela;
20 x 25 cm

Ragnar Lagerblad



Natureza aborta; tempera de ovo s/madeira; 2010; 20 x 12 cm /com moldura;
36 x 28 cm

Raquel Camacho



Vagação; argila, papel e óxido de ferro s/ tela - caixa acrílica; 40 x 30 x 10 cm; 2020

Raul Cassou



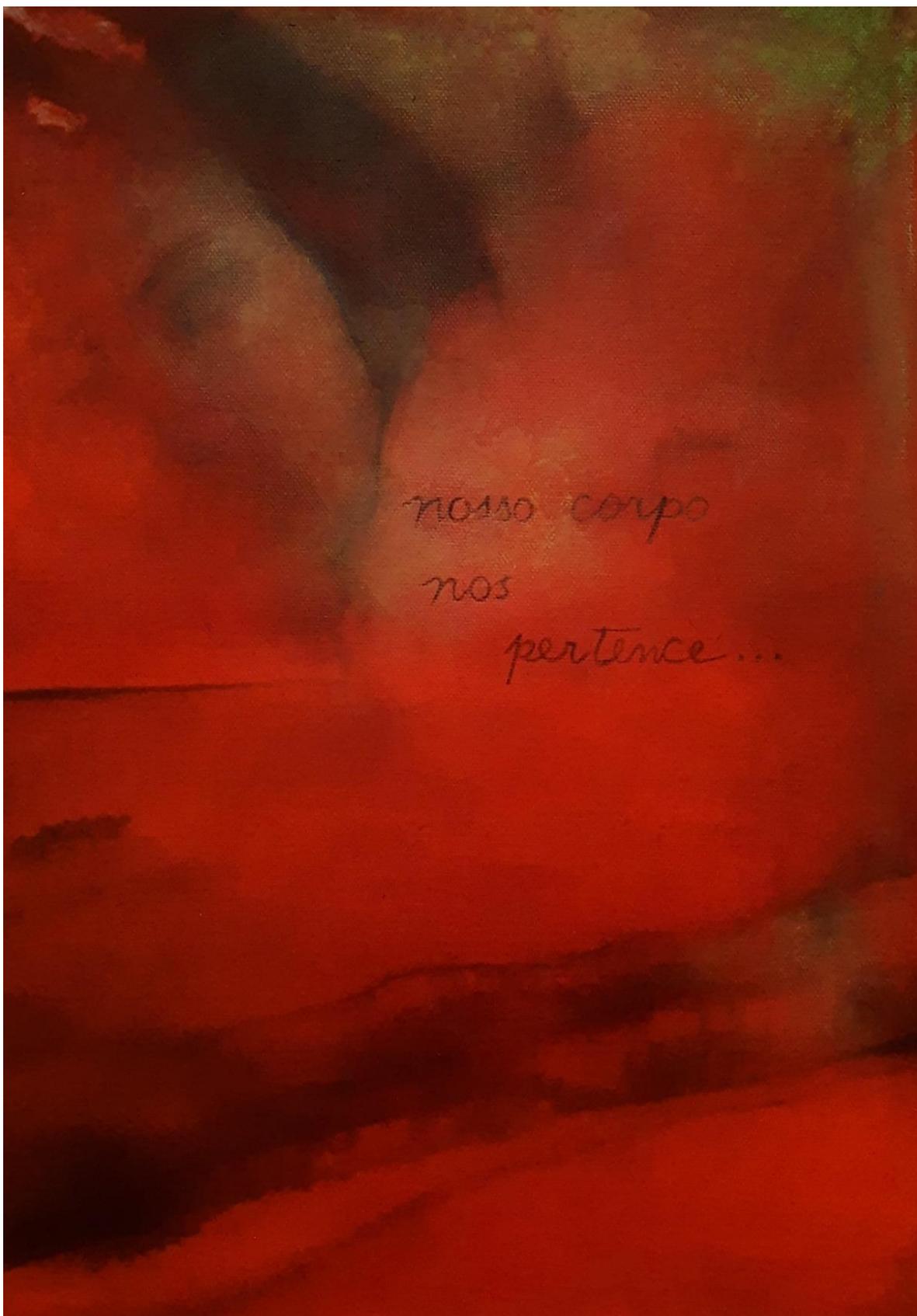
Guará; tinta s/ remo

Regina Hornung



Anhenó; óleo s/papel Canson 300 g; 42 x 29 cm; 2020

Regina Moura



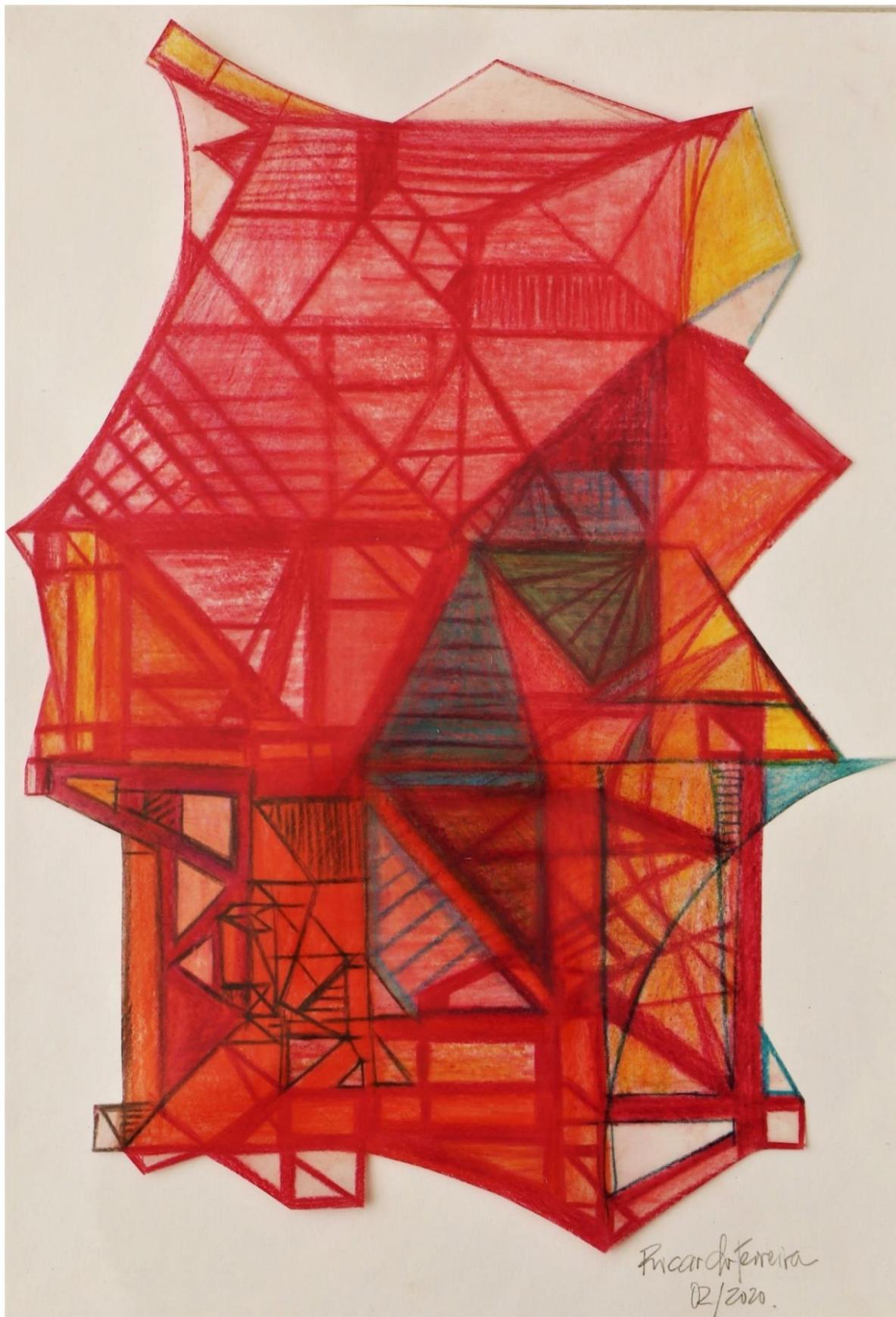
Sanguine, desvio para o feminino; técnica mista s/canvas; 2020; 29 x 41 cm

Renata Vasconcellos



Natureza Vermelha; fotografia digital papel algodão; 2020; 42 x 29,7 cm

Ricardo Ferreira



Sem título; aquarelas s/papel emoldurada em caixa de acrílico; 43 x 30 cm; 2020

Ricardo Mauricio



Lunamarte: desvio para a política (homenagem a Cildo Meirelles, Raimundo Colares e aos irmãos Augusto e Paulo Herkenhoff); 2020; plástico s/mdf; 30 cm (diâm) 1: Luna (situação); 2: Lunamarte (desvio).

Ricardo Newton



Sem título, óleo s/ madeira; 28 x 40 cm; 2020

Ricardo Ruiz



Sociedade Civil Organizada (Cinelândia - Diretas Já - artista de rua – Tigre);
fotografia, Kodakcolor 100 asa, máquina Nikkormat, lente 135mm, velocidade
125, f: 5.6; 1984

Roberta Paiva



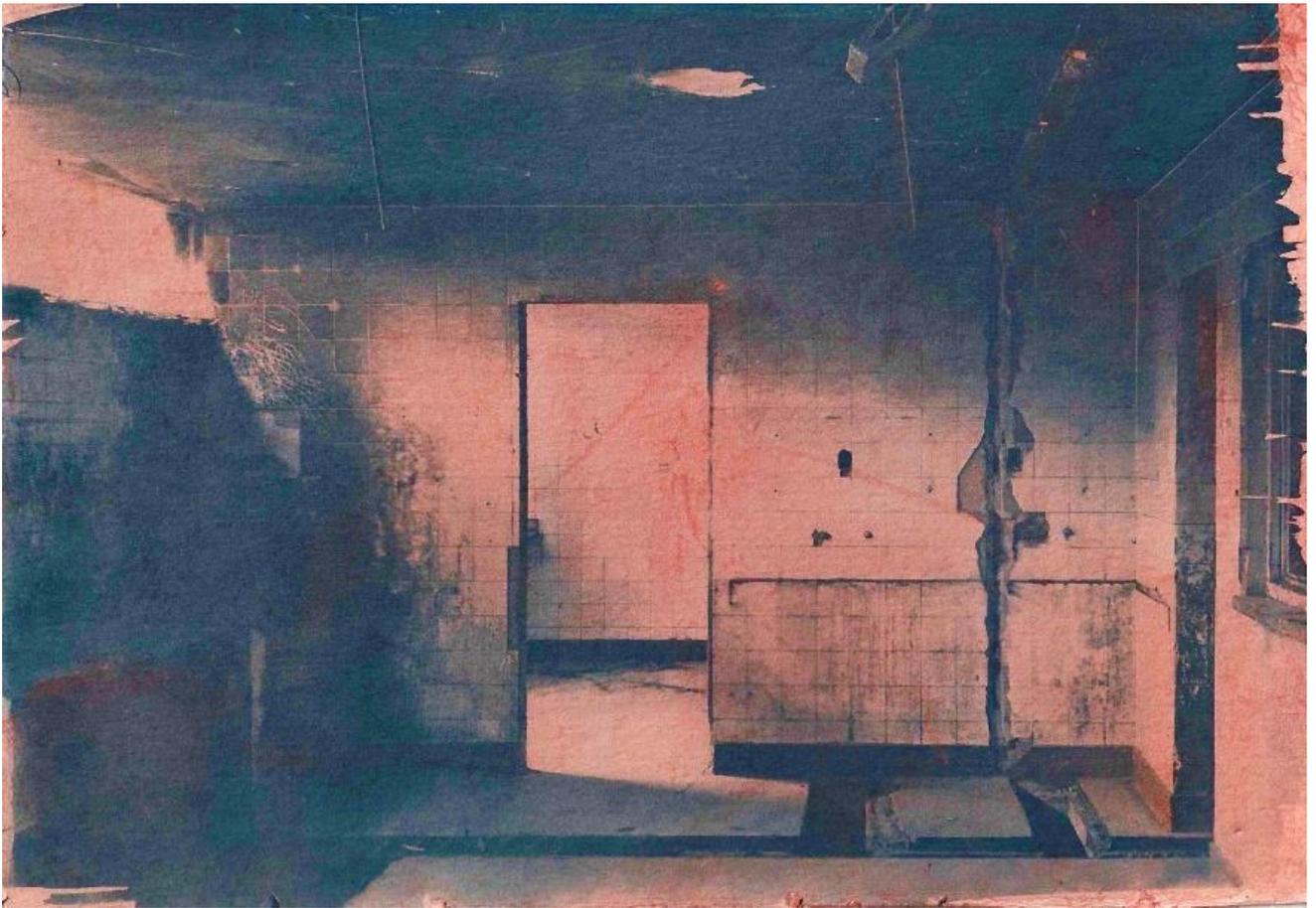
Coletor de desvio; objeto – PVC e etiqueta impressa em papel; 17 x 20 x 20 cm; 2020. Sugere-se deva ser exposta s/ praticável com 60 x 30 x 30 cm (A x L x P) em madeira pintado de branco.

Robinson Oliveira



Retrato de Cildo Meireles; acrílica s/ tela; 2020; 30 x 40 cm

Rosane Cantanhede



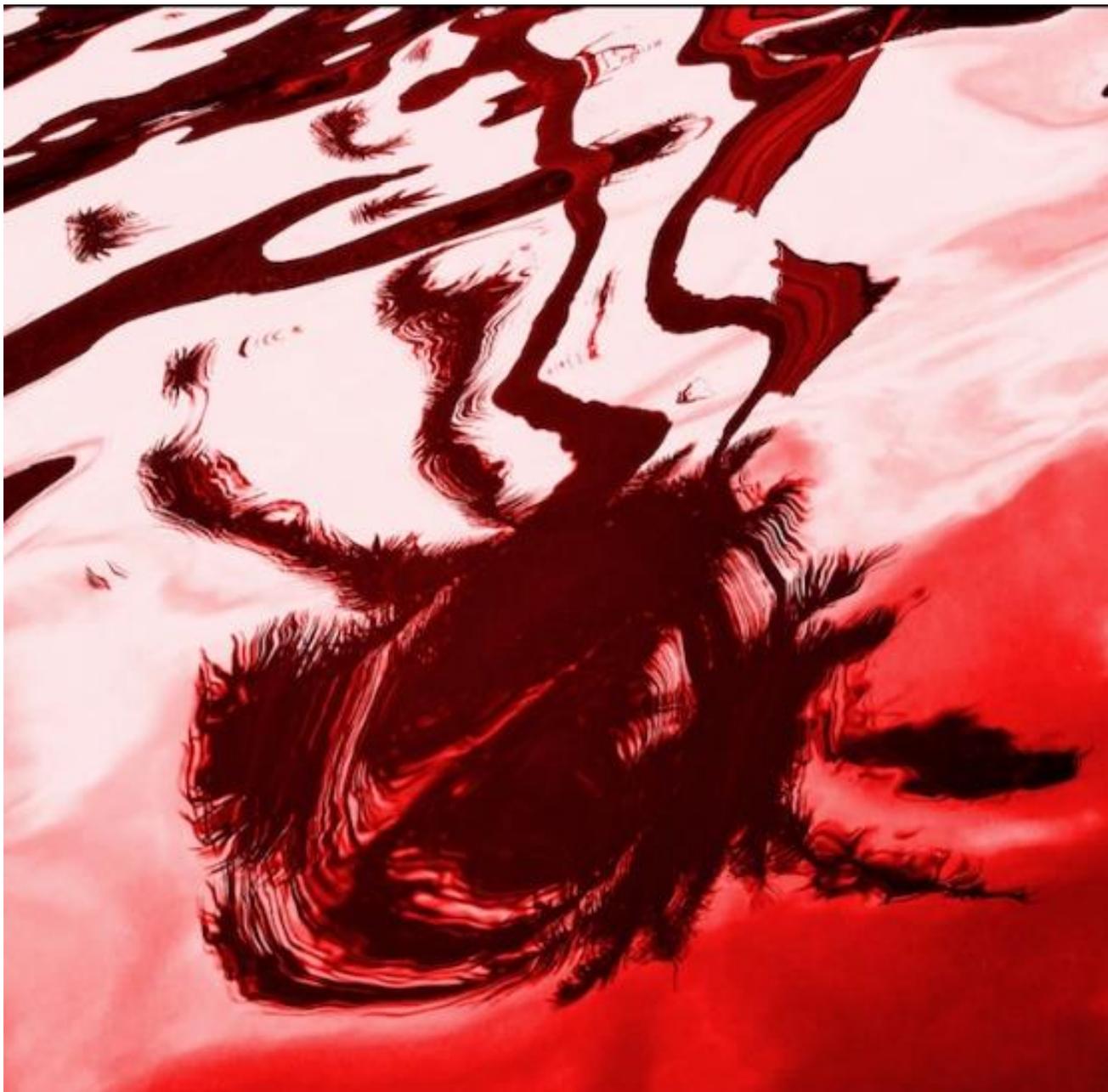
Série CIEP 436; cianotipia; 15 x 21 cm; 2020

Rosangela Soares Pinto



Objeto Vermelho; 2020; encáustica - cera de abelha, carnaúba, breu, pigmento s/ compensado naval; 40 x 30 cm

Rose Aguiar



Red Water Grafitte – Série Water Grafitte; 2019; fotografia digital; 30 x 30 cm; tiragem 1/10.

Rosi Baetas



Embebição, Rebaixo, Relevo; acrílica s/ madeira; 25 cm x 25 cm

Salazar Figueiredo



Paisagem escarlate; acrílica s/ tela e colagem; 2020; 40 x 30 cm

Sandra Macedo



Nenhuma a mais; papel recortado em caixa de acrílico; 11 x 11 x 11 cm; 2020

Sandra Regina



Vermelho em trânsito; acrílica s/ tela; 29,7 x 42 cm

Sandra Passos



Istanbul; gravura em metal; 29,7 x 38 cm; 2019; PA (tiragem 30)

Sara Malenchini



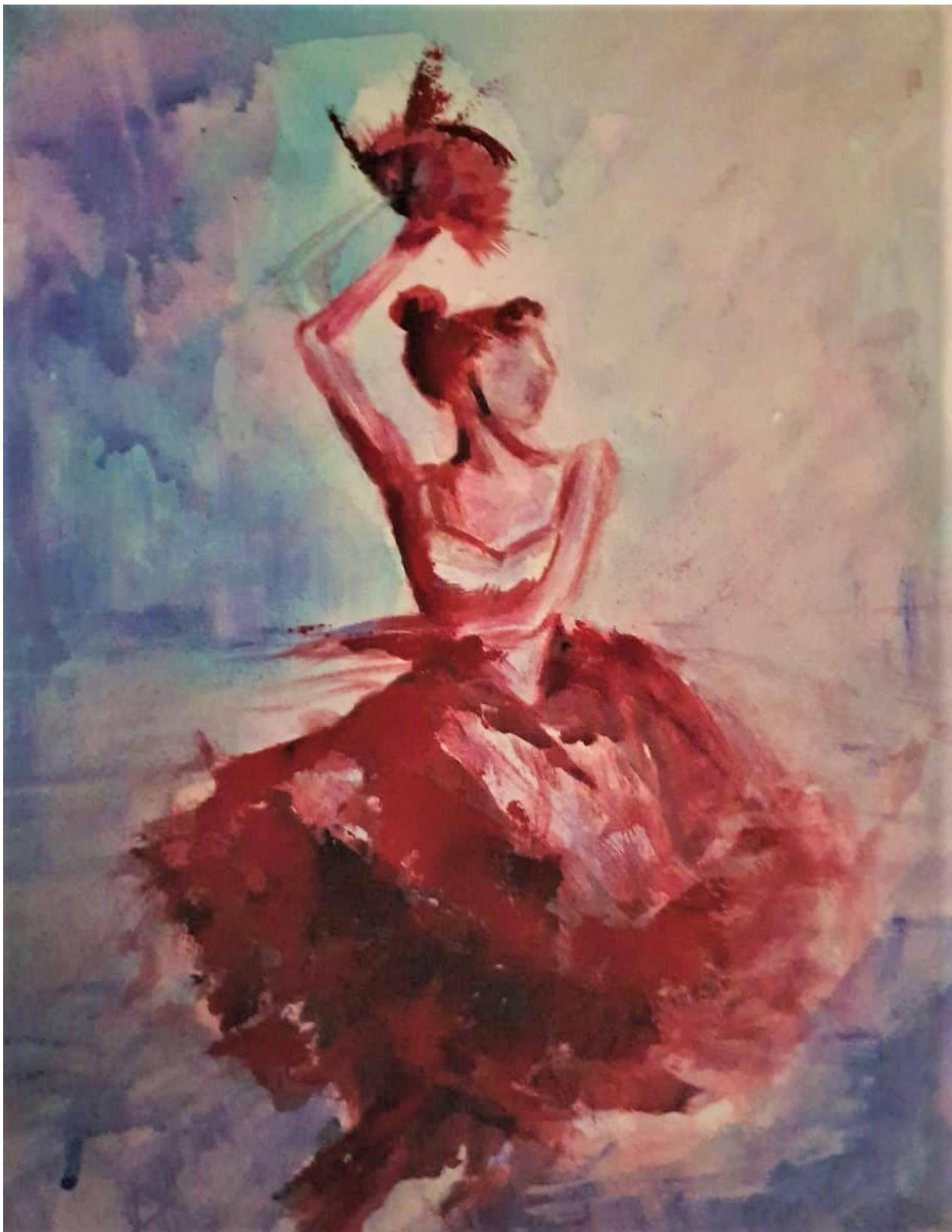
Mi madre, mis hijas; 30 x 40 cm; objeto s/ chassis, seda, caracóis, pimpolhos de rosa e tule.

Simone Coppolecchio



Echarpe vermelha; técnica e materiais utilizados: fotografia em papel matte fibre da Hahnemühle; 2019; 47 x 32 cm

Sonia Camacho



Flamenco – tributo a Cildo; acrílica s/tela; 40 x 30 cm; 2020

Sonia Xavier



Sem título; assemblage - acrílica s/ tela, aramado, tiras de couro; 40 x 30 cm; 2020

Talita Tunala



Desvios (Parte); óleo s/ papel; 28 x 40 cm; 2020

Tatiana Seabra



India; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Teresa Coelho



E agora?; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2020

Teresa Stengel



Desvio p vermelho; gravura em metal/monotipia, s/ papel japonês; 60 x 30 cm;
2020

Terezinha Mazzei



Explosão Orgânica Vermelha (Série Explosão); impressão fine art s/canvas de infoarte/detalhe de fotografia de pintura/orgânica; fotografia orgânica 2012, arte 2020; 30 x 40 cm; 1/4

Telma Gadelha



Da série paisagem obrigatória; óleo s/ tela; 30 x 40 cm; 2018

Thelma Innecco



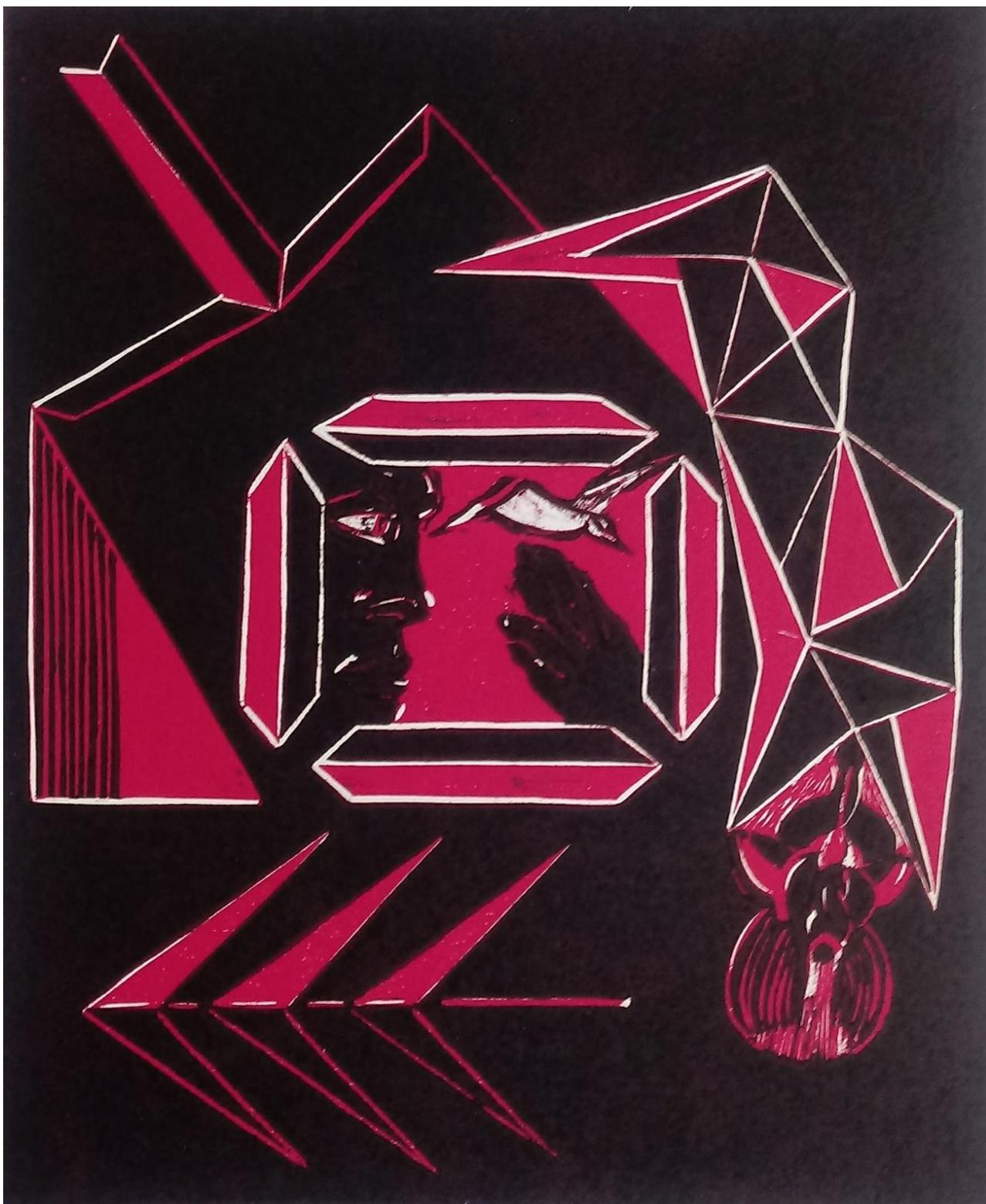
Série Artérias; escultura em argila, esmalte, queima de 1100 graus; 60 x 40 cm

Tchello D'Barros



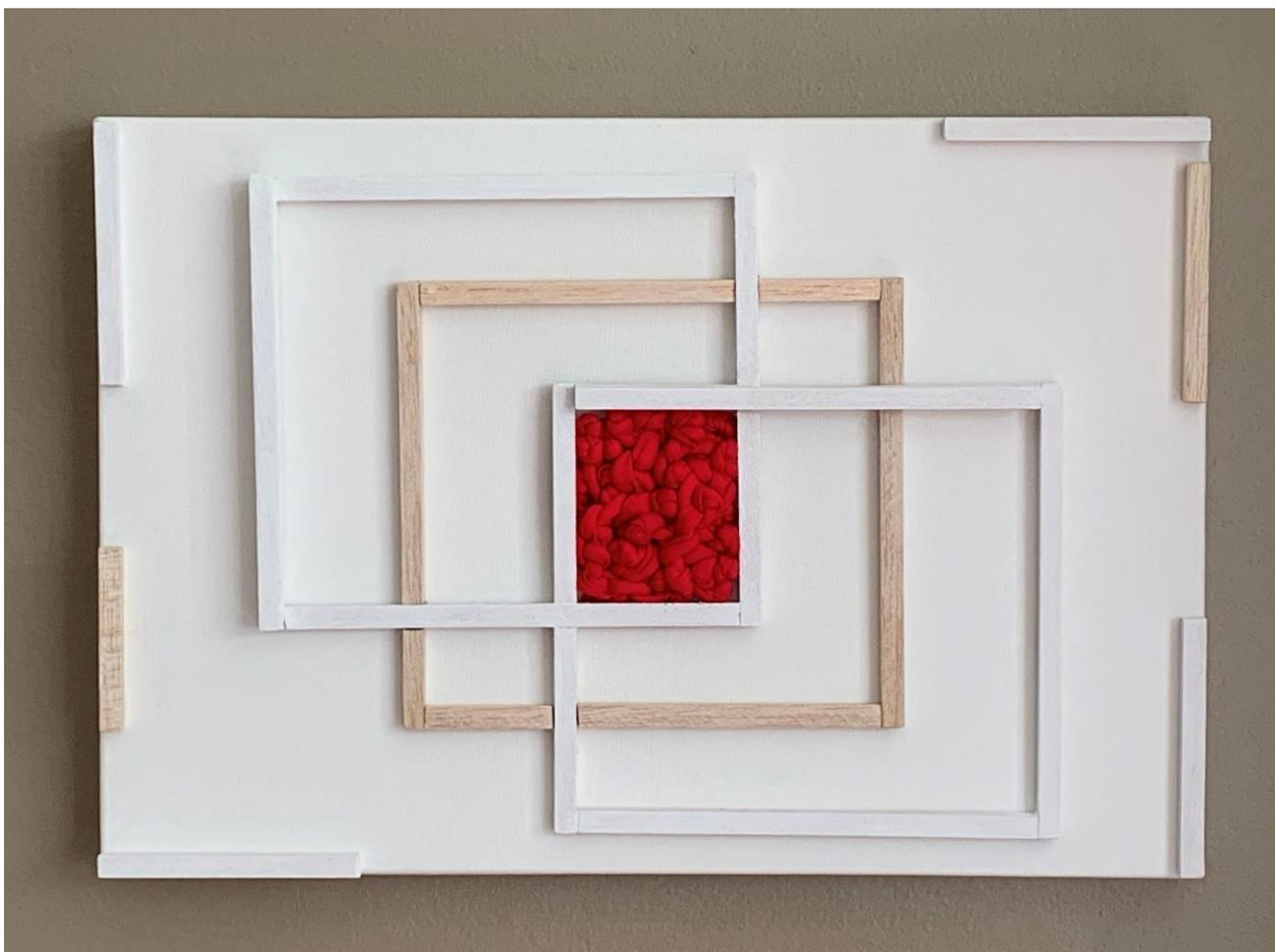
Escarlate arte digital; desenho manual vetorizado, impressão digital; 25 X 25 cm

Uiara Bartira



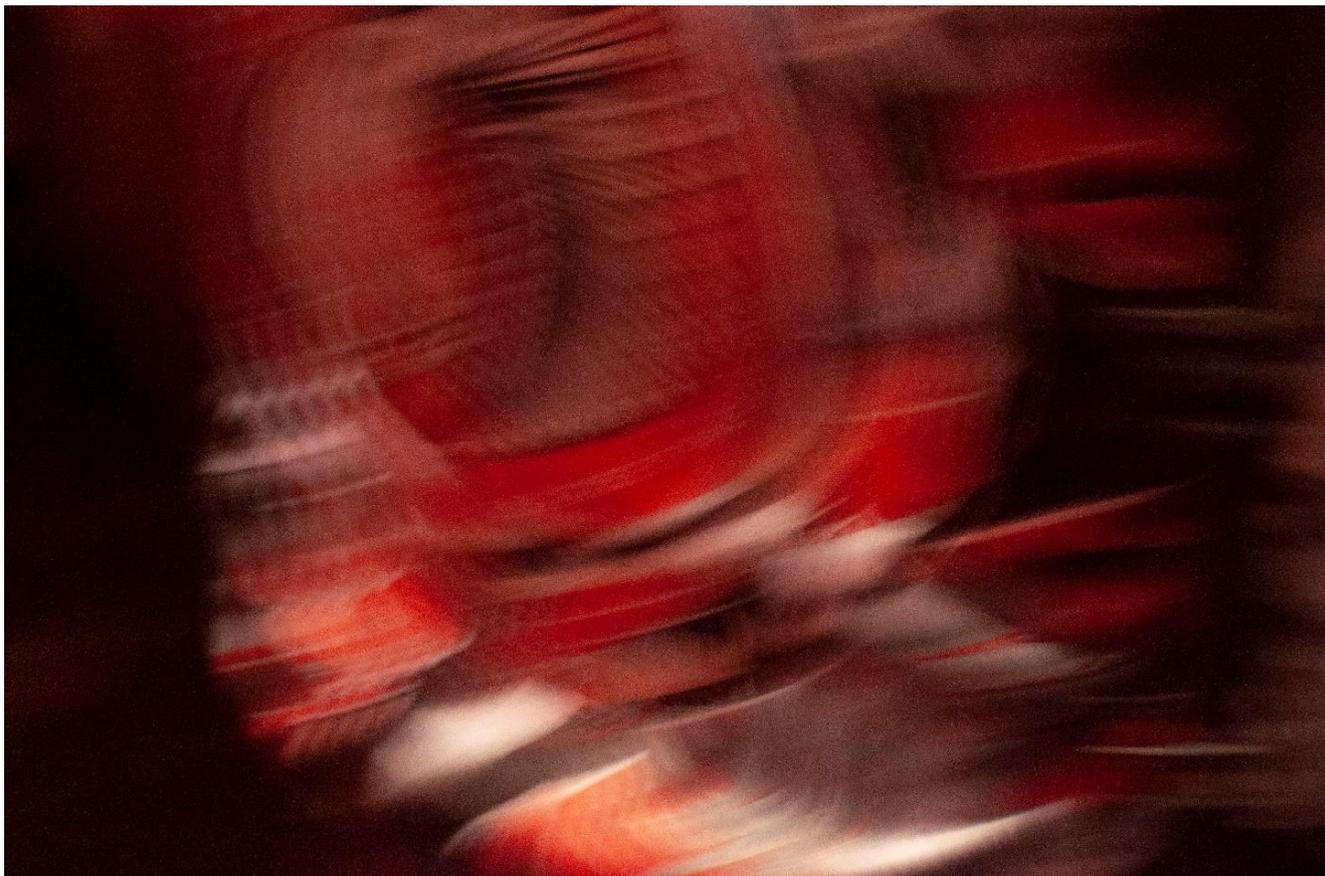
Série O amor está machucado e a arte ferida; gravura, Linóleo com matriz perdida; 2019; 35 x 30 cm com moldura; edição: PA, tiragem - 4

Valesca Veiga



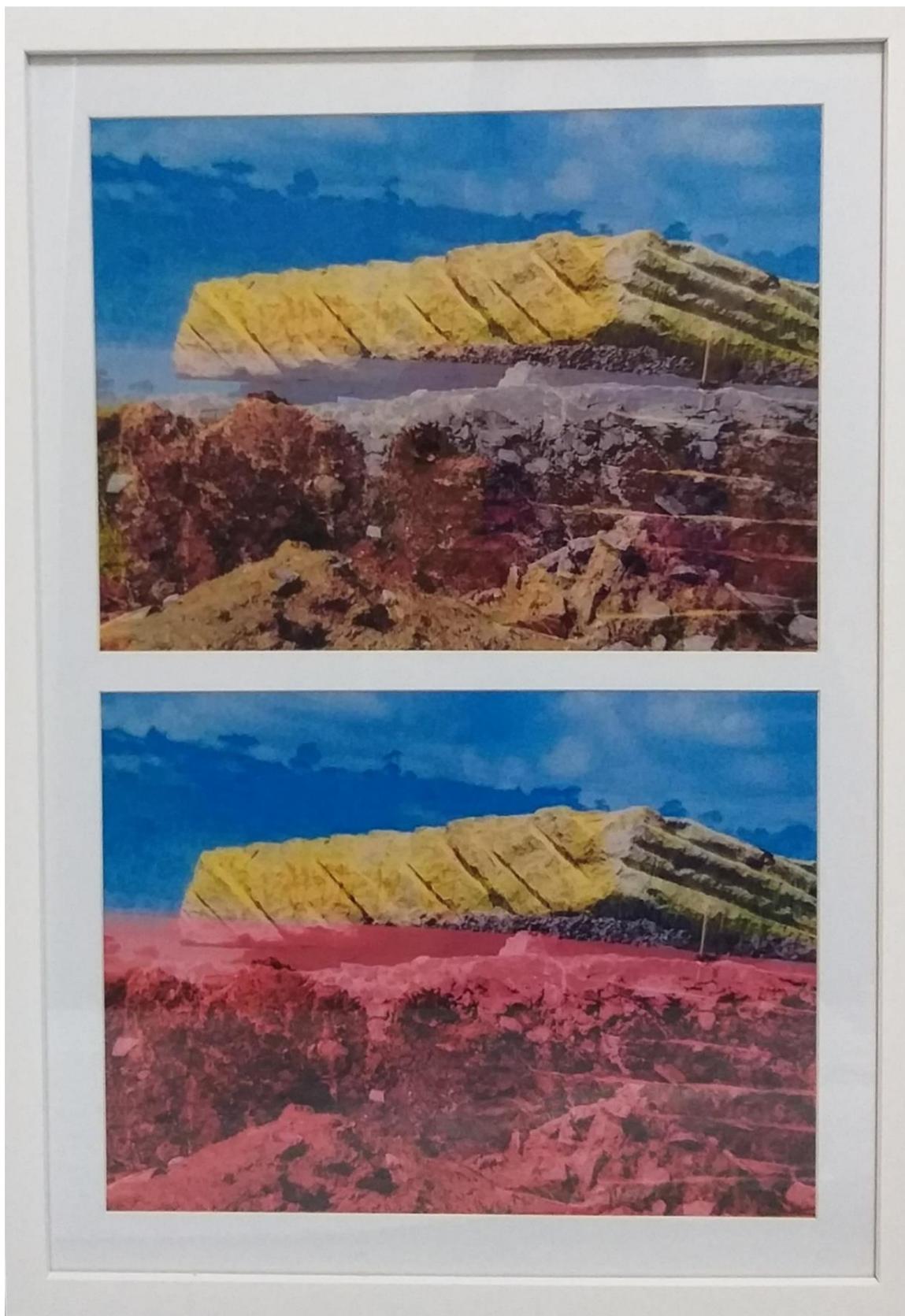
Casa de Gravetos; madeira, acrílica e fio de malha s/ tela; 2020; 41 x 29 cm

Vania Beatriz



Sem título; Fotografia, cor; 29,7 x 21cm; 2019; tiragem 1/2.

Vania Pena C.



Sangrando; 2020; fotos s/ fotos analógicas, com interferência digital; 46 x 32 cm; Tiragem: 3/10

Vasco Acioli



Alerta vermelho para cliente classe "A"; técnica mista; 42 x 29,7 cm; 2020

Vera Hermano



O que move o mundo; plástico; 2020; 11 x 9 x 9 cm; obra inacabada

Veronica Miranda



serie fotografia expandida; fotografia digital, impressão fine art, papel 100% algodão Hahmemule photo raf 308 g - impressão Estúdio Lupa; 2020; 30 x42 cm; edição: 1/10

Vlad da Hora



Sem título; gravura; 37 x 28,5 cm; 2020; edição única.

Vicente Duque Estrada



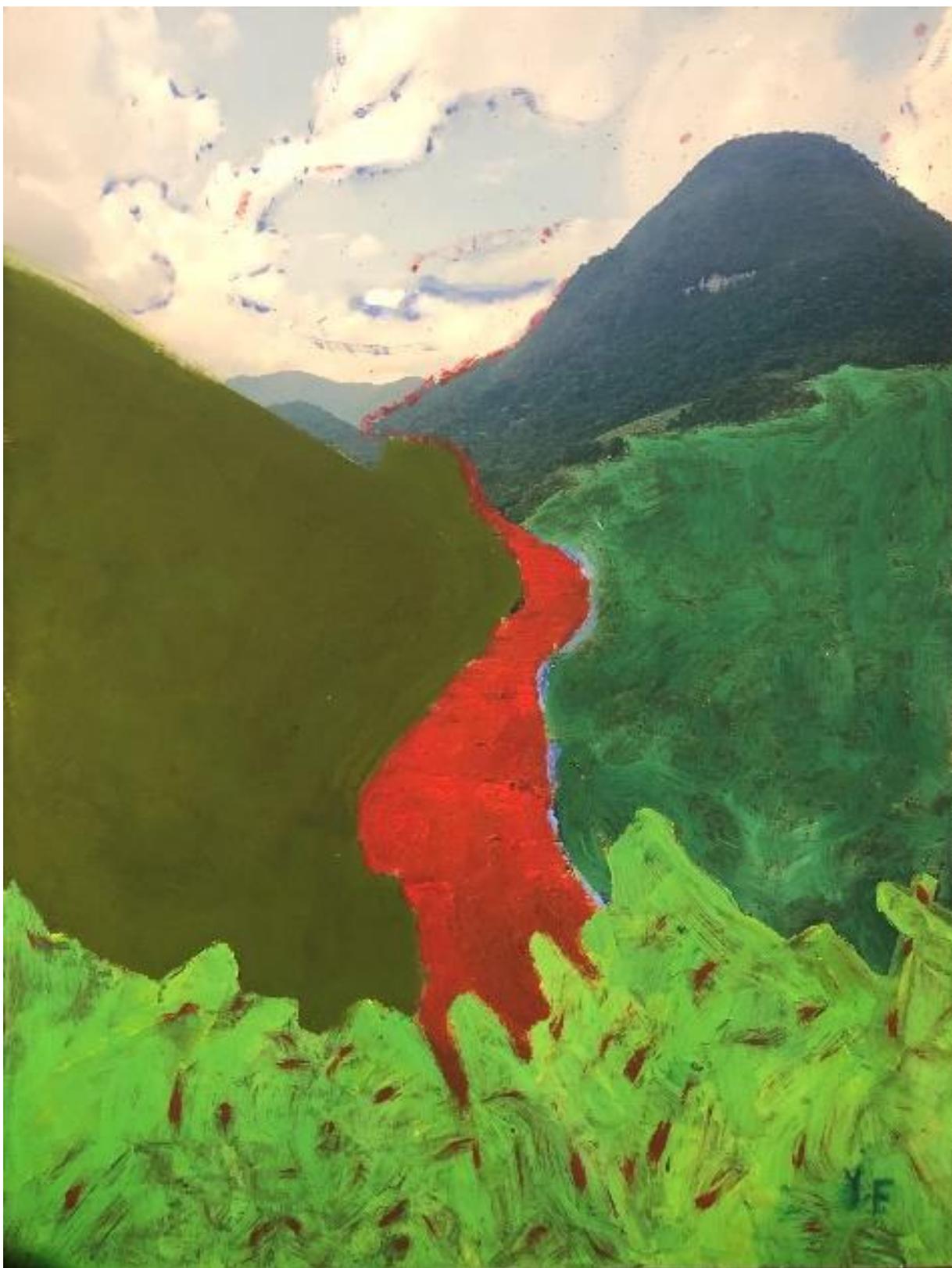
Assim contou o Álvaro...; fotografia; 30 x 40 cm; 2020

Vitoria Sztejnman



O Beijo; técnica mista, acrílica s/ tela, papel reciclado, cerâmica esmaltada; 40 x 20 x 2,5 cm; 2020

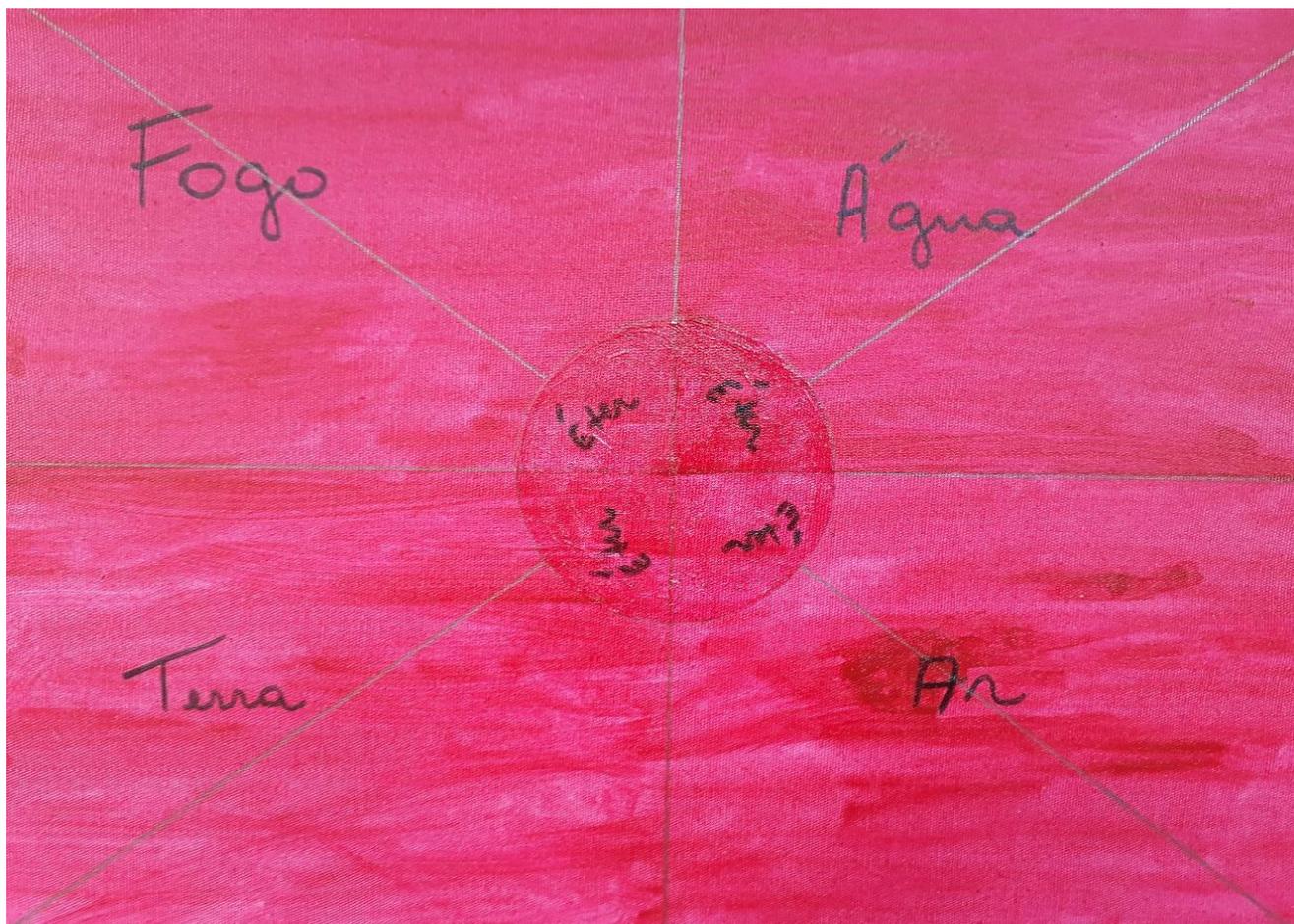
Yolanda Freyre



Entre Montanhas e Verdes, Série O Erótico na Natureza; 2019; óleo s/foto em papel algodão; 40 x 30 cm

Performance Rio Vermelho. Música – Réquiem de Mozart.

Walkyria Proença



Sem título; técnica mista s/ tela; 40 x 30 cm; 2020

PREPARANDO A GALERIA VIRTUAL

Estamos todos confinados em isolamento social, o oposto de atividades artísticas livres como exposições, performances e encontros calorosos entre artistas e o grande público. Pois é... Ao acompanhar as conversas no grupo DESVIO do WhatsApp e toda a atenção carinhosa do Augusto Herkenhoff e da Isabela Simões respondendo a cada artista sobre a realização ou não da bela exposição "Homenagem a Cildo Meireles" na Galeria Zagut fiquei preocupada e super sensibilizada, visto que naquele período tudo estava temeroso com o CORONAVÍRUS, sem sabermos de fato o que sucederia.

Como dou aula para alunos de arquitetura, pensei..."ah podemos fazer algo". Então resolvi mobilizar um grupo de alunos e professores da Universidade Santa Úrsula. Fiz uma chamada no grupo do Facebook entre alunos e professores para ver o interesse para criar uma EXPOSIÇÃO VIRTUAL, reunindo então três alunos para participar do projeto como Atividade Complementar, como experiência do curso de arquitetura. Acredito que agora seja um momento dos alunos da USU compartilharem seus ensinamentos e conhecimentos neste meio tão conturbado, criando assim possibilidade de expormos as obras dos artistas para o mundo, ou seja, para as redes sociais.

Fico feliz que a minha proposta para fazer um espaço expositivo virtual foi apreciada pelo coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, João Calafate.

Eu e os alunos iremos organizar as obras no espaço expositivo, com o aval da equipe da galeria. Temos a intenção de quando passar a pandemia participar também da montagem da exposição 'in loco'. O projeto consiste em editar as imagens e criar uma maquete eletrônica para projeto de expografia.

Moema Branquinho

